

GRAZINA

do Olhanense

O mais popular jogador algarvio

(Foto Nunes d'Almeida)

Stadium

N.º 60 ★ 26 DE JANEIRO DE 1944

A escolha dos dirigentes portugueses foi outrora guiada, com o regra geral, pelo índice clubista dos candidatos ou levando em conta o valor dos serviços que, no exercício de determinadas funções, esses indivíduos pudessem continuar prestando à agremiação que os acreditava e promovia.

Sucedeu, de tal forma, que se desenvolveram por vezes, nos organismos superiores, políticas desta ou daquela cor, se interpretaram regulamentos com argumentação capciosa ou aproveitaram situações para favorecer os interesses preferidos, contra o espírito da lei.

Tem havido, felizmente, em contrapartida, uma maioria de dirigentes com carácter firme e largueza de vistas, sabendo servir o desporto com isenção, esquivando-se a pactuar com as tentativas desvirtuantes daqueles que os escolheram no propósito reservado de os aproveitar depois em benefício das suas simpatias.

Acontece, porém, que também se conservam ainda activas outras criaturas para quem a função de dirigente, num organismo colectivo, se cinge aos pontos de vista especiosos do núcleo clubista onde estão alistados e falham por isso na interpretação precisa dos interesses superiores da justiça e da disciplina, os quais não podem admitir preferências nem disparidades de critério.

A preocupação dominante na escolha dos elementos dirigentes associativos era, para cada grupo filiado, conseguir a inclusão de um elemento seu, para defesa dos interesses do clube. Forçavam-se assim conjuntos heteroclitos, onde predominava a desconfiança mútua e se desconhecia praticamente a existência do interesse superior da modalidade e do desporto, que era, afinal, o atributo exclusivo das funções que ia exercer.

Sentiu-se no meio português a necessidade de eliminar estas combinações de política pessoal ou de grupos, que exerciam a mais nefasta influência moral sobre o desenvolvimento de algumas modalidades.

O mau dirigente — bom para os afluídos — é calamitoso para a comunidade, e quanto mais alto estiver colocado pior, porque mais sobressai o exemplo dos seus actos.

Aquele de cujas decisões dependem interesses de muitos, deve consagrar-se exclusivamente à responsabilidade voluntária que assumiu e esquecer os sentimentos pessoais, ante a lei do interesse colectivo. Mandar com acerto não é tão simples como supõe a maioria das gentes; as ordens e as decisões mais justas afiguram-se deturpadas, no seu significado, quando o autor perdeu prestígio e a confiança dos subordinados.

A posição do dirigente mais difícil se torna ainda perante a reforma do desporto nacional: exigem-se-lhe noções exactas das necessidades superiores do meio, o sentido da relatividade e, sobretudo, o rigoroso escrupulo na reserva

(Conclui na pág. seguinte)

MORRERAM dois jornalistas do «Século» — Cristóvão Aires e o dr. António Dias Costa. O primeiro era um temperamento vibrátil — combativo e generoso. Era militar — mesmo no jornalismo... Para si, os colegas de um jornal e de imprensa consideravam-no como companheiros de armas. Brillhante, intemerato, investigador, cintilante — e camarada do melhor quilate. Foi crítico teatral de relevo. Deixa profunda saudades em quantos o conheciam.

O outro, o Dr. Dias Costa, veio para o jornalismo quando ainda era menino e moço, e deixou-se absorver pela vida intensa e discreta dos laboratórios. Começou no «Século», na sua antiga edição nocturna, como jornalista, e morreu ainda afeito ao «Século» e à sua gente, como chefe dos serviços clínicos. Nunca saiu daquele nosso prezado colega — e criou-lhe simpatias que o não esquecem facilmente. Dentro do «Século» fez também jornalismo desportivo. E, numa série curiosa de pequenas publicações, sob o título de «Como, porquê, e para quê», escreveu um folheto sobre futebol, excelente trabalho de propaganda e divulgação. Foi ainda crítico teatral.

Registando com mágoa o falecimento dos dois jornalistas, acompanhamos os nossos colegas do «Século» no doloroso transe que os punge na sua afectividade. A eles, como às famílias dos ilustres extintos, especializando Tito Martins, sub-director do «Século» — a expressão do nosso profundo pesar.

O penúltimo domingo teve no futebol uma jornada de grande emoção pela forma como se alterou a posição dos primeiros classificados. Já temos, em qualquer colega diário, e foi realmente assim — o Belenense ganhou em três campos. Nas Saleiras, no Campo Grande e em Olhão. Do terceiro lugar passou ao primeiro, com a ajuda de dois clubes que o seguem de perto — na mesma aspiração de se aproximarem do título, se não o conseguirem ganhar.

Aí agora, a dúvida andava à volta do tempo em que o Atlético com a excelente forma mantida neste campeonato, se aguentaria no posto de «leader». Começa nesta altura a luta pelas posições definitivas. Com o começo da segunda volta do campeonato — vem o reverso da medalha...

EMQUANTO os clubes de futebol lutam, em público, pela melhoria da sua posição nos campeonatos, e fazem o mesmo noutros desportos, há vários clubes em que a luta não é pelo triunfo em provas — mas pela formação de novos valores e pelo benefício da preparação física de novas gerações.

Figuram neste caso o Gimnásio e o Lisboa Gimnásio. Noite a noite, a sua actividade é a dos seus escolas. A sua acção é mais discreta — mas não deixa de ser particularmente útil.

COMEÇARAM, finalmente, os campeonatos lisboenses de «ba-ket-ball». O principio demorou bastante. Oxalá que a regularidade e brilhantismo das jornadas compensem largamente o tempo perdido na preparação.

ANO XII — Lisboa, 26 de Janeiro de 1944 — II SÉRIE. N.º 60

STADIUM
REVISTA DESPORTIVA

Director e Editor
DR. GUILHERMINO DE MATOS

Propriedade da
SOCIEDADE REVISTAS GRAFICAS LDA.

Redacção e Administração:
T. CIDADÃO JOÃO GONÇALVES, 19-3.º
Telefona 51146 — LISBOA.

Gravura e impressão de NEOGRAVURA, LTD.
Composição e impressão tipográfica na
GRAFICA SANTELMO — LISBOA

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

O Lisboa Gimnásio, que vive apenas da sua quotiação, é um exemplo magnífico de trabalho esforçado em prol do desporto, pelo ensino da ginmástica. Não conhece desânimos. Para a frente — é a sua divisa!

Dentro de preocupações de bem se abetechar para a missão educativa que lhe é própria, não cansa no desejo de melhorar as instalações. Vai por isso fazer nova ampliação no salão de ginmástica. O palco, que fazia lembrar as revistas teatrais do antigo Salão do Borracho, modesto teatro que fêz época há bastantes anos, é sacrificado — a favor das escolas. E andam obras em todas as dependências. O Lisboa Gimnásio é pois um clube em plena fase de progresso.

DENTRO do Sport Lisboa e Benfica, e pela propaganda insistente do seu semáforo, há dois problemas que estão merecendo a simpatia da massa associativa do popular clube — a realização de jornadas de propaganda pela província e o auxílio às suas inúmeras filiais.

O problema do auxílio às filiais é curioso e oportuno. Estes clubes constituem excelentes núcleos de propaganda. Ligam, e ampliam, a acção do clube em Lisboa à simpatia provocada na província. Mas, para que existam, para que tenham a viabilidade correspondente à sua função especial e para que aumente o seu número — é preciso que a sede os trate dentro de elevado espírito de colaboração.

ESTÁ liquidado o caso Salvador Jorge. Com a publicação de alguns esclarecimentos sobre a entrevista que deu motivo à suspensão do guarda-redes belenense, tudo ficou arrumado — em bem.

Salvador Jorge reapareceu num jogo em que o seu clube ganhou uma vitória de relevo. Voltou a tempo.

UMA coisa que não se compreende facilmente — a falta de interesse dos clubes da capital pelo torneio de 2.ª categoria que a Associação de Futebol de Lisboa pretende, agora, organizar. Inscreveram-se apenas três clubes. E a Associação desistiu, por isso.

Queixam-se os clubes da falta de provas e não aproveitam as que lhe aparecem! Não há meio de perceber esta divergência entre o que se diz e o que se faz...

A notícia de maior sensação, no futebol, depois da jornada espectacular do penúltimo domingo, é a de que o Estoril Praia vai reforçar as suas equipas com dois outros jogadores argentinos, um dos quais foi já contratado, em Barcelona.

Não temos nenhuma indicação acerca do valor dos jogadores em referência. E todavia natural que venham contribuir para elevar o nível técnico do Estoril Praia com vista ao futuro... O campeonato nacional da II Divisão é problema difícil. E é ainda um caso a resolver — com o Fósforos.

EM tiro reduzido, a prova que entrou na fase de maior interesse é a da taça «João Pereira da Rosa», instituída pelo Ateneu Comercial, em homenagem ao ilustre director do nosso prezado colega «O Século».

A taça «João Pereira da Rosa», disputada pela sexta vez, era ganha em definitivo pelo clube que triunfasse em três anos seguidos ou alternados. O Benfica e a Sociedade de Tiro n.º 2, com dois dos melhores núcleos de atiradores, contam duas vitórias, cada um. Não é preciso acrescentar mais para se fazer ideia do entusiasmo que vai pelas carreiras de tiro...

CONTINUA a reinar o maior silêncio quanto aos anunciados campeonatos de «box» entre amadores.

Por mais que se fale na necessidade de preparar e recomendar as provas de amadores, não se passa disto... Em «box» começa-se como profissional. Não há meios termos...

AUTOMATISMO E DIVERSIDADE —

— eis o problema

O inquérito aberto com a melhor oportunidade por «Le Billard Sportif», sobre a conveniência de modificar as regras do bilhar, conquistou rápida e plena aceitação por parte dos dirigentes e público afeiçoado, mormente depois que Charles Faroux abordou o problema com nobre destemor das reacções que os seus pensamentos pudessem despertar nos meios profissionais, onde «s inovações, obrigando ao estudo e aquisição de novas técnicas e novos recurs-s, encontram geralmente as maiores resistências.

Raramente, seja no que fôr, o lançamento de novas idéias logra aplauso unânime. Por melhores que elas sejam, por mais claros que se apresentem os seus fundamentos. Reagir é próprio do homem e, sobretudo, dos interesses que de alguma forma se sentem abalados na continuidade do seu reinado. Também as vozes discordantes, ou meramente descrentes dos meios preconizados por Faroux para verificar o interesse pelo bilhar, se ergueram em tom mais ou menos alto, conforme o grau da sua convicção, e também elas encontraram, na excelente revista francesa, uma tribuna para se fazerem ouvir. A questão tem de debater-se com absoluta imparcialidade. «Stadium» torná-las-á igualmente conhecidas, pois que, não querendo tomar partido, apenas visa a servir a causa do bilhar.

Em concordância com as sugestões do ilustre presidente da União Internacional das Federações de Amadores de Bilhar, Joseph Baudart, secretário do mesmo organismo e da Federação Real Belga dos Amadores de Bilhar, anuncia assim a sua tese: «Automatismo ou diversidade.» No desenvolvimento dela, o prestigioso dirigente belga aceita os processos defendidos por Faroux para evitar a produção de longas séries, das séries astronómicas, que no seu entender, também, geram a fadiga do espectador e anulam a emoção dos duelos billarísticos, muitas vezes sem fornecerem indicação segura do valor relativo dos duelistas. O seu entusiasmo não corre, porém, parelhas com o do presidente insigne da Federação Internacional, quanto à eficácia dos meios ao alcance para a solução definitiva do problema proposto. Em seu critério, as nossas facilidades de adaptação não conhecem limites, e sempre elas acabam por triunfar dos obstáculos com que as experimentam. Importa, todavia, estimulá-las, sujeitando-as continuamente a novas provas, que lhes rasquem novos horizontes e lhes proporcionem novos louros. No fim, sempre o mesmo conceito da vida: Renovação e esforço permanentes, em que, concebendo-o e exercendo-o, o homem a valoriza e engrandece, vencendo o tempo.

O bilhar não é apenas um simples desporto — porque é um desporto artístico

Eis o depoimento valioso de Joseph Baudart: «Vai já algum tempo que ouvimos repetir-se as lamentações acerca do automatismo que tão grandemente reduziu o interesse da partida livre. Posteriormente, as mesmas lamentações começaram a alvejar o jogo ao quadro de 45/2. No tocante à partida livre, que a maior parte dos grandes jogadores havia abandonado ou não praticava senão a título de recreio e curiosidade, a questão parecia ser de um interesse secundário. Mas, logo que se abordava o quadro de 45/2, modalidade favorita da grande maioria dos bilharistas, logo as discussões ganhavam animação. É certo, porém, que muito freqüentemente as opiniões expandidas podiam ser suspitadas de azedume, inveja ou receio... e ficava-se nisso. Mas, eis que se ergue agora a voz autorizada do presidente Faroux. Não há, já, lugar para suspeições. O alarme vem de alto e a questão muda assim de aspecto. Torna-se necessário, custe o que custar, examiná-la com seriedade e, sobretudo, com sinceridade. Infelizmente, como muito bem disse «Le Billard Sportif» no seu artigo de

assim o proclamou Joseph Baudart, categorizado dirigente belga

IV

abertura, a coisa não é tão fácil de resolver como se imagina à primeira vista, tudo dependendo do ângulo sob o qual se considere o jogo. É que há de um lado os jogadores fracos, para os quais o 45/2, tal como o jogamos, não é ainda positivamente muito cómodo; e, do outro, os jogadores fortes, para os quais ele parece ter-se tornado demasiado fácil. Desdobrar em duas fórmulas o 45/2 afigura-se portanto complicado. Impor aos jogadores fracos uma modalidade mais difícil não é, talvez, muito desejável. E, todavia, é inegável que para os jogadores fortes há qualquer coisa a fazer. Ora, do ponto de vista puramente desportivo, é o jogador forte que sobretudo conta.

Muitos são os que pretendem que sendo o bilhar um desporto, a verdadeira força consiste em fazer o maior número de pontos possível, não importa por que método. É aquêle que o consegue que atinge a meta — e isso é tudo o que se quer. Para outros, e eu confesso que as minhas preferências pessoais vão para êles, o bilhar é mais que um simples desporto — é um desporto artístico. Participa do desporto pela energia, sangue frio e vontade que exige, e participa da arte pela concepção, beleza da execução e variedade infinita dos recursos que, sob a sua fria aparência, comportam as três bolas de marfim. Desde sempre que a arte evolui e de cada vez que ela cristaliza na rotina, uma resolução surge. É a este lado artístico que é preciso olhar no bilhar, salvando-o do automatismo.»

No interesse do próprio bilhar, é a diversidade que se deve preferir

«Quere isto dizer que o automatismo é des-tituído de valor? Longe de mim tal pensamento! A conta infernal que testemunham certos jogadores na série da linha, por exemplo, é uma coisa estúpida. Horemans maravilhou-nos outrora pela maneira como conduzia uma série. Mas, Horemans era um jogador completo, que sabia fazer outras coisas. Permaneceu quasi exclusivamente especialista desse género de jogo, porque, mesmo assim, a série da linha como êle a jogava era realmente muito difícil. Entre os grandes amadores, temos presentemente o exemplo típico de Gabriels (belga), que simplifcou as coisas, pelo menos, no rectângulo central, preparando com vários golpes a «chamada» sobre uma tabela à esquerda ou à direita, a qual lhe reentrega as bolas juntas. Como bem o definiu um dia o excelente técnico Semal, êle gira completamente à volta da posição e chega a compor assim uma série baptizada por Avé de «shampoing» de bolas. O que não obsta a que tudo isso necessita de uma conta diabólica, de uma blocagem de bola notável e de uma reprodução justa e sem lassidões de alguns golpes quasi iguais.

Tentem-no, para ver!... Porque, aqui, não se trata já de estudar, de procurar, mas de jogar com tenacidade prodigiosa, durante meses, a mesma coisa. Evidentemente, há também nisto mérito. Todavia, é forçoso reconhecer que é nestas circunstância que o automatismo surge, e com êle a monotonia. Como diz o presidente Faroux, chegamos a contar longas séries sem poder admirar no jogador um conhecimento completo do jogo. Isto não seria ainda nada se não assistíssemos, por vezes, ao espectáculo lamentável de ver ridicularizar pelos números outro grande jogador menos mecânico mas talvez mais sabedor. Automatismo ou diversidade, tal é então o problema. Quanto a mim, inclino-me para a diversidade, no interesse do próprio bilhar, do amor e do entusiasmo que êle pode fazer marcar.»

(Continua)

JOÃO MARIA

está em festa

pelo seu 52.º aniversário

HÁ um ano, publicámos uma entrevista com o presidente do Clube Naval de Lisboa, sr. José Martinho Gonçalves, a propósito do 51.º aniversário da prestigiosa colectividade.

Passados mais trezentos e sessenta e cinco dias, o Naval está de novo em festa. As palavras de Martinho Gonçalves, hoje como então no comando da velha agremiação náutica, podem recordar-se em síntese: desejo de ver o Naval cada vez mais progressivo; confiança nos destinos dos desportos do mar; e vontade forte de contribuir, com os seus companheiros do conselho director, para elevar a alto nível o remo e a vela.

Passou mais um ano... Do balanço da actividade exercida conclui-se que o C. N. L. se engrandeceu no capítulo interno. Promulgou-se um regulamento com vista à disciplina dentro do clube, fêz-se a revisão dos estatutos, cuidou-se, enfim, de pôr a casa em ordem — que, diga-se de passagem, não estava em desordem, necessitando apenas de ligeiros ajustamentos. Inauguraram-se melhoramentos nas cabinas e balneários e criou-se uma dependência para o conselho técnico. Nos estaleiros do clube e pelo seu pessoal construiu-se um «yolk» de 4 remos, que no próximo domingo será solenemente baptizado, e devido à acção de um grupo de sócios dedicados está ainda a construir-se um barco para a instrução de vela.

O número de sócios aumentou, em percentagem apreciável.

Externamente, a actividade do C. N. L. ressentiu-se, como em tôdas as agremiações náuticas, da pobreza dos calendários de provas. Com muita gente nova em preparação e adaptação, concorreu às regatas que se efectuaram durante a época — e os seus jovens representantes demonstraram prometedoras qualidades. Foi-lhe confiada a organização dos campeonatos nacionais de remo, disputados ao longo da muralha da Junqueira; do que foi essa organização, em devido tempo o dissemos — mas não é demais lembrar que esteve impecável, sob todos os aspectos.

Presentemente, e atendendo à próxima época, o Naval está procedendo a meticolosa escolha de possíveis valores. Trata-se de trabalho que requiere muita paciência e dedicação, não só dos jovens atletas como dos seus devotados instrutores.

Domingo passado, por exemplo, o C. N. L. fêz disputar animadíssimas regatas inter-sócios, em todos os tipos de barcos e com tripulações formadas por sorteio, antes das provas. Foi uma manhã esplêndida de propagand», durante a qual se pôde observar o trabalho em profundidade a que o clube se dedica — indispensável, como temos dito e redito, para atingir positivos resultados práticos.

O Clube Naval de Lisboa está em festa. Paladino de uma causa bela, obreiro consciente de um ideal, saudamo-lo afectuosamente.

DIRIGIR

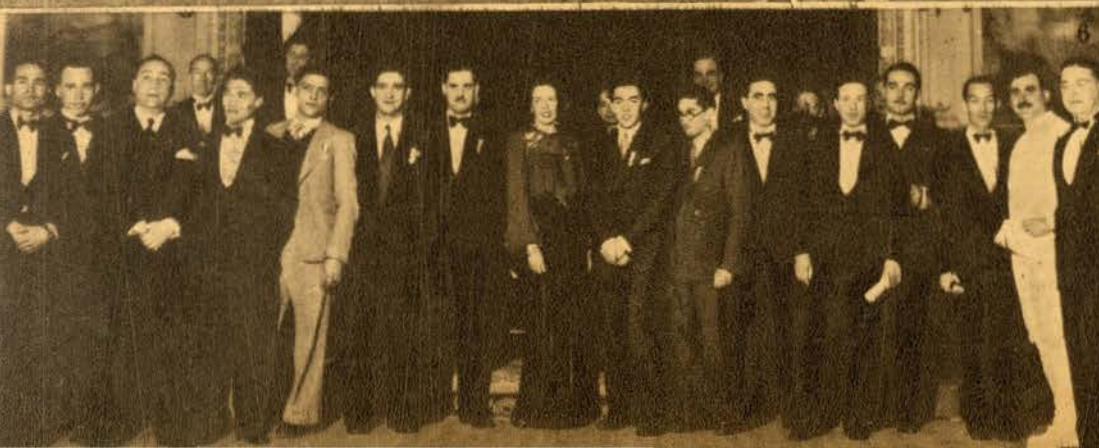
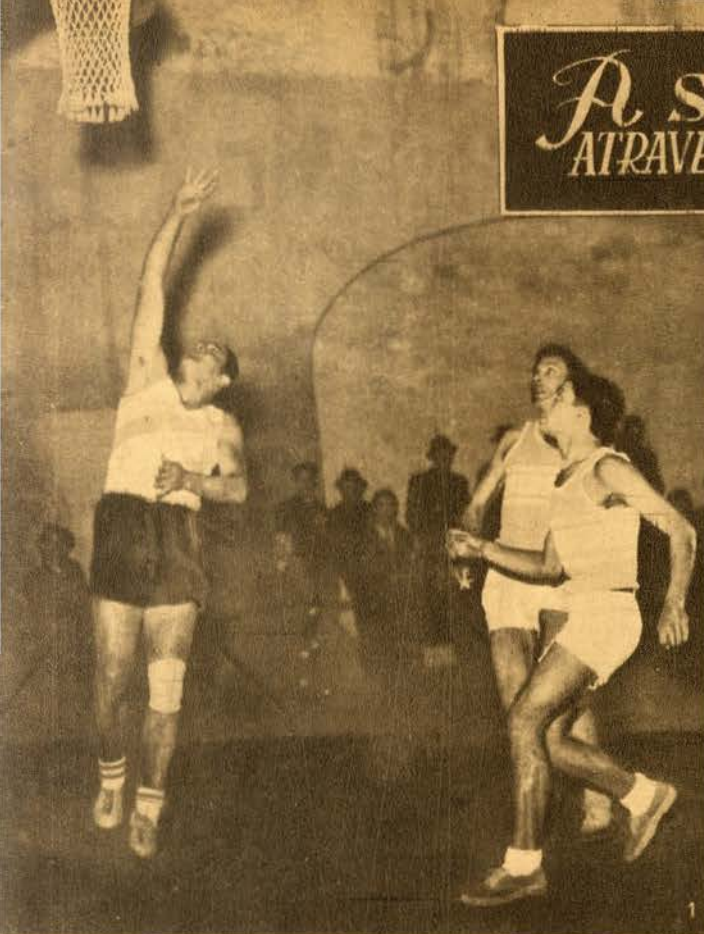
(Conclusão da página anterior)

de exteriorizações apaixonadas e de independência nas decisões que houver de tomar.

Favoritismo, paixão, não haverá ninguém com alma desportiva que os não sinta e não manifeste; o que se deve exigir é que o faça com lealdade e moderação e saiba conter entusiasmos instintivos quando, perante a multidão ou perante o julgamento público, se apresenta no desempenho de missão oficial ou de atribuições com responsabilidade além da sua pessoal e particular.

SALAZAR CARREIRA

A semana ATRAVÉS DA OBJECTIVA



BASKETBALL — Duas fotografias colhidas no campeonato de Lisboa: 1 — No jogo Unidos-Maria J. 2 — No encontro Algés-Lis.

HANDBALL — 3 — No encontro entre Benfica e Sporting, Manuel da Silva conduz um ataque dos elevados (foto Naves d'Almeida).

O 52.º ANIVERSÁRIO DO CLUBE NAVAL: 4 — As equipas 1.ª e 2.ª classificadas na prova de "in-riggers", do 4.º E.U. BOI; 5 — Uma defesa do skipper do Barreirense no seu jogo em Casa Pin A. C. A FESTA DO HOCKEY CLUB — 6 — Os desportistas, a quem foram entregues diversos prémios (foto Mac...

A Taça 'Stadium'

abriu auspiciosamente a nova época

CONFORME estava previsto, inaugurou-se, na terça-feira da semana passada, com a efectivação dos encontros da primeira eliminatória da taça «Stadium», a temporada de ténis de mesa de 1943/1944.

E pode dizer-se que a abertura da época foi auspiciosa, ainda mesmo que tivesse ficado por disputar um dos encontros que o programa indicava. Nas oito mesas que funcionaram registou-se interesse e animação, visto que se tornavam difíceis prognósticos e os jogadores se empenharam com muito entusiasmo na luta.

Os encontros da primeira eliminatória forneceram os seguintes resultados:

Benfica (A), 3- Técnico (B), 0; Liberdade, 3- Técnico (A), 2; Monte Pedral, 3- C. Ourique, 2; Combatentes, 3- Belenenses (B), 1; Técnico (C), 3- Belenenses (A), 0; Sporting (B), 3- Ateneu Comercial, 1; Sporting (A), 3- Benfica (B), 0; e Técnico (F), 3- C. E. R. Arrolas, 1.

O Técnico (D) aceitou uma vitória por desistência do Técnico (E).

Contra o que seria natural, tanto o Belenenses como o Técnico reservaram os seus melhores elementos para as equipas «B», facto que importa salientar, desde já, como justificação de certos resultados. Só assim se pode compreender que o Belenenses (A) tivesse sucumbido tão nitidamente perante o Técnico (C) e que o Belenenses (B) tivesse alcançado o melhor resultado contra a formação de «Os Combatentes», que este ano pode ter aspirações.

Pelo que respeita ao Técnico, embora qualquer das suas formações se mostrasse pouco capaz de fuser contra o Benfica (A) outro resultado que não seja o que se verificou, pode pensar-se que se no «team» (A) dos futuros engenheiros estivessem elementos que alinharam no (B), o Liberdade não teria ganho.

A vitória do Monte Pedral sobre o Campo de Ourique não nos surpreende, dada as constituições das duas equipas. Mas os clubes criam responsabilidades: o Campo de Ourique chegou à Divisão de Honra e o Monte Pedral só por desistências de outros clubes terá lugar na II Divisão. E os vencidos devem dispor de melhor gente do que aquela que apresentaram.

Dos «acelistas» esperávamos melhor comportamento, tal como da equipa (B) do Benfica, ainda que reconhecamos que o Sporting dispõe este ano de melhores valores e está decidido a «fazer coisas». Mas, o fracasso dos «encarnados» é menos de admirar e deve fillar-se nas muitas deserções de jogadores para outros clubes.

O C. E. R. Arrolas, sem pretensões, teve a atitude simpática de «aparecer»; e a vitória do Técnico (F) denuncia que esta agremiação dispõe de bons «segundos planos».

Na segunda eliminatória, anotaram-se os seguintes resultados:

C. Ourique, 3- C. E. R. Arrolas, 0; Técnico (C), 3- Ateneu Comercial, 1; Combatentes, 3- Liberdade, 0; Sporting (A), 3- Técnico (A), 0; Belenenses (B), 3- Belenenses (A) 1; Técnico (B), 3- Técnico (D), 1; Benfica (A), 3- Sporting (B), 0.

O Monte Pedral beneficiou da desistência do Técnico (E) e o Benfica (B) ganhou ao Técnico (F) por f. c..

Nesta «ronda», todos os resultados refletem clara pantagem dos vencedores. Todavia, surpreende a segunda derrota dos «acelistas» e a fraca réplica do Liberdade. A vitória do Belenenses (B) já atrás se justifica. O resto pode ser considerado normal, porque os encontros da primeira eliminatória já permitiram certas previsões.

Os encontros da terceira eliminatória estavam marcados para ontem.

Das dezôito equipas concorrentes, só treze continuaram na prova, em consequência da desistência do Técnico (E) e das duas derrotas do Ateneu Comercial, do Belenenses (A), do C. E. R. de Arrolas e do Técnico (A).

Os «sobreviventes» entraram na terceira «ronda», nas seguintes condições:

Sem derrotas — Benfica (A), Sporting (A), Monte Pedral, Combatentes e Técnico (C).

Com uma vitória e uma derrota — Benfica (B), Sporting (B), Belenenses (B), Liberdade, Campo de Ourique e Técnico (B, D e F).

O sortelo isentou o Técnico (D) e designou os seguintes encontros:

Benfica (A)-C. Ourique, no Belenenses; Sporting (A)-Combatentes, no Técnico; Liberdade-Técnico (F), no Sporting; Benfica (B)-Técnico (C), no Liberdade; Belenenses (B)-Sporting (B), no Combatentes; M. Pedral-Técnico (B), no C. Ourique.

Os encontros de maior interesse e de resultado mais indeciso eram os que os «leões» disputaram. Nos restantes, o Benfica (A e B), o Liberdade e o Técnico (B) podiam considerar-se favoritos.

O sortelo para a quarta eliminatória efectua-se amanhã, às 22 horas, na sede da A. T. M. L., Segundo as previsões, devem prosseguir na prova dez equipas.

TEE-TEE

As equipas: 1 — Benfica A; 2 — Técnico B; 3 — Liberdade; 4 — Técnico A; 5 — Sporting A; 6 — Benfica B; 7 — C. A. Campo de Ourique; 8 — Belenenses A; 9 — Sporting B; 10 — Ateneu.

No próximo número publicaremos as fotografias dos restantes concorrentes



O GRANDE VALOR TÉCNICO E EMOTIVO DA 1.^A VOLTA SOBRE A 9.^A JORNADA

Por TAVARES DA SILVA

Acabou a 1.^a Volta do Campeonato Nacional do futebol de 1943-44, torneio que tem decorrido como não nos recorda de outro. Com uma curiosidade, emoção e um valor técnico, dignos de nota.

É certo que as coisas que estão mais cerca de nós revestem-se de um encanto que as competições antigas, não têm, ou perderam, por falta de memória dos homens. Todavia, não nos parece arrojado insistir neste ponto fundamental: a *tendência para o equilíbrio manifestado pelas forças concorrentes* melhorou sensivelmente o futebol português.

A 1.^a Volta forneceu várias indicações, propriamente sobre os *teams*, que convem destacar. A primeira delas respeita ao Belenense, que vai para a 2.^a Volta sem derrotas, indicação que nos parece preciosa.

Há que contar a seguir com o Sporting e o Benfica (falando-se de um destes quasi que obrigatoriamente se tem de referir o outro). O primeiro parece ter debelado a crise, embora mantenha vivos alguns dos problemas que o aflizaram e persistem, por falta de solução aceitável ou lógica. O grupo está a corresponder ao esforço que lhe é exigido, desenvolvendo bom jogo atlético com fundo de marcação e experiência. O Benfica reage como sempre, em condições do seu *team*, visivelmente achado suportar estoicamente os mais duros tranques, acabando por se impôr. O seu jogo, à base da energia e vivacidade de movimentos, apresenta mesmo singular palpação.

Depois dos três indicados há que falar do Atlético, que deveria de ser citado antes, se não fora a ordem da classificação geral. A *melhor revelação* da época deixou definitivamente de considerar-se como revelação para passar a ser uma viva realidade. Saindo fora de casa e de Lisboa, a equipa têm correspondido em termos de poder afirmar afoitamente que, tanto a sua actual posição como o lugar destacado que já ocupou, não são obra do acaso, ou do factor sorte, mas a necessária resultante de méritos e qualidades positivas.

O Olhanense também mantém a sua cotação intacta. Nada significa a sua última derrota.

Pelo contrário, há até derrotas que honram, impondo o valor do vencido ao nível do vencedor, que é o caso presente.

E deve assinalar-se fortemente o tributo dado por estes dois clubes, Atlético e Olhanense, numa competição em que os *grandes* costumavam jogar as cristas sósinhos. Porque essa contribuição tem sido valiosíssima.

O Pôrto apresenta um *team* em formação, e não há dúvida que tem feito honrosa figura — muito superior ao que se julgava. Mais uns retoques e um pouco de experiência, e poderemos perfeitamente chegar ao tradicional capítulo das grandes lutas norte-sul.

O Vitória de Setúbal que, sob o ponto de vista técnico, tem sido encaminhado com prudência, justifica perfeitamente, pelo que já fez (e ainda pelo que há-de fazer!) a sua inclusão no torneio grande, onde também se encontram o Vitória de Guimarães e o Salgueiros, equipas animosas como aquelas que o são, e ainda a Académica de Coimbra, o *team* mais desmembrado, se nos reportarmos à imagem que dele tínhamos.

Ganhando uns, perdendo outros, a 1.^a Volta decorreu de tal modo que deve ardentemente desejar-se que a 2.^a complete a boa impressão já tida deste campeonato.

Quando os jogadores dão largas à sua inspiração...

O Campo Grande parece destinado a um papel de especial vibração. Depois dum desafio com nove *goals* (caso Benfica-Sporting) outro desafio com nove *goals*, igualmente in-

teressante, apesar das situações serem diversas. Na segunda hipótese, o Benfica nunca esteve a perder. Mas as possibilidades do empate que se sentiu em campo em três *momentos* da partida — 2 a 1, 4 a 3, 5 a 4 — o último culminante, forneceu o necessário porquê da emoção.

Qualquer dos *teams* jogou de maneira mais ou menos igual nos seus fundamentos. Um pouco o mesmo *estilo*, dentro de um sistema de marcação deficiente, com uma liberdade de movimentar que não podia deixar de dar *belos instantes de luta*, pelo imprevisto, velocidade e audácia de muitos desses golpês. Cada jogador não se meteu inflexivelmente no sistema. Pelo contrário, fez um pouco o que quiz, correndo a seu bel-prazer, driblando e chutando consoante a sua inspiração e a sua disposição. É evidente que semelhante processo, no futebol moderno, poderá acarretar graves dificuldades. Mas dá gosto ver-se jogar ao sabor da inspiração individual.

Desta partida do Campo Grande não se pode dizer grande coisa, tecnicamente. Em todo o caso, que bem disputada, com lances movimentados num lado e noutro! Que espírito nobre de luta, de parte a parte! A gente fica, realmente, a figurar como se comportará o Olhanense em Olhão, compreendendo-se perfeitamente o obstáculo representado pelo estado Padinha.

No Olhanense, o grupo deu provas de mais valor nas linhas media e avançada. O grande pilar da equipa foi o médio-centro Grazina, forte e incansável acorrendo a todos os sitios intervindo com acerto em todas as situações, embora se lhe possa apontar o senão — e coisa grave — de prender a bola em muitas ocasiões em que a jogada se desenvolvia impecavelmente e com rapidês. O médio-esquerdo também contribuiu, mais na defesa que em jogo de ataque, para o que se passou. A linha de ataque, como já se calculava, brilhou, mas a verdade é que esse brilho resultou mais do entusiasmo que de combinações colectivamente realizadas.

Onde o grupo quebra ou quebrou, pelo menos, é na defesa, que se deixou bater com verdadeiras ingenuidades, mas a posição do guarda-redes está fora desta apreciação geral ao bloco defensivo.

Também, na defesa, o Benfica está a passar momentos de dificuldade porque, sendo certo que César Ferreira executa perfeitamente o seu papel, já o mesmo não se poderá afirmar do companheiro do lado, e ainda porque o próprio Martins atravessa uma fase de pouca segurança. Francisco Ferreira continua a ser o estêo do seu *team*, o homem da defesa e vigilância mas também o que provoca muitos ataques, em seguida desenvolvidos pela energia e grandes qualidades de Teixeira, e pelo magnífico sentido das oportunidades de Júlio.

Uma idéia do encontro do Lumiar

Estas partidas como aquela disputada entre o Sporting e o Vitória de Guimarães são características na bola. Duas equipas diferentes, e de diferente valor, apresentam-se em campo, fornecendo luta equilibrada até ao momento em que as coisas deixam de correr bem.

Foi assim com o Vitória. O *team* conseguiu equilibrar a partida, isto é, defender-se e atacar em condições perfeitamente iguais às do adversário. Mas depois, pela segunda parte adiante, com a chegada do cansaço e a certeza de que a derrota seria infalível (2-0), o *team* perdeu grande parte da sua vontade e energia, insensivelmente consentindo a superioridade do adversário, como que se entregando. Assim, os *goals* começaram a acumular-se nas suas redes, e um ar de tristeza pairou em todo o campo.

E não estava em campo um homem de que muitos deserdariam mas que todos os *teams* desejariam ter — Peyroteo. O Sporting apresentou Jesus Correia a avançado-centro e uma *formação* que se pode já ter como vulgar: insistência na colocação de Barrosa a médio-direito, Doreas nas redes, e Lourenço no eixo. Como sempre acontece quando o problema não tem dificuldades — os defeitos porventura incubados no *team* não chegaram a vir à superfície. Nada mais pernicioso que a ilusão por vezes dada com aquela circunstância.

Grupos de valor equilibrado

O estádio do Lima, pelo seu estado, com a relva escorregadia pela chuva, influiu no encontro, tão certo é que as forças em campo não podem deixar de se acomodar às circunstâncias. Um pouco — talvez — como consequência, o Atlético não conseguiu dar uma idéia exacta das suas possibilidades e do seu já afirmado valor. O Pôrto, sem ter realizado exibição extraordinária, pôs em campo um futebol agradável. Não fora o senão dos *extremos* — quasi se pode afirmar que o Pôrto jogou sem essas duas unidades — e a exibição do Pôrto cotar-se-ia muito melhor. Nem a troca entre Lourenço e Faria deu resultados. Na linha de ataque, o mais esforçado e até brilhante, em várias emergências, foi, sem dúvida, Correia Dias, ainda com o mérito de alvejar as redes de Armando Jorge, em tarde manifestamente feliz. Regressará definitivamente C. Dias ao seu lugar?

A linha medular do Pôrto esteve francamente bem até à altura, na segunda parte, em que, por assim dizer, perdeu o contacto com a *dianeira*. Daí por diante, a *clareira* referida permitiu movimento-fáceis ao Atlético.

As equipas igualaram-se em jogo. Uma e outra, metidas no seu sistema, executaram-no razoavelmente.

O trio defensivo do Atlético esteve à altura das necessidades da equipa, distinguindo-se, no entanto, Baptista. Mas o sector verdadeiramente forte foi o *médio*, com uma linha que empurrou para a frente os homens da primeira fila — um ataque incerto e impreciso nas passagens, com bom comportamento de dois guardas, Catinana e Pratas.

A fogsidade da Académica. Prudência no Belenenses

O Belenenses não teve uma tarefa cômoda em Coimbra. Porque o seu adversário — pese às circunstâncias actuais em que o *team* se encontra — é sempre de temer. Ainda porque no torneio em disputa não há tarefas fáceis...

Já a Académica se encontrava num plano diferente, necessitando de uma vitória sobre um dos *grandes* (o petisco do Belenenses caía às mil maravilhas) como reforço moral, pois os bons resultados não se conseguem apenas a jogar bem.

Compreende-se assim a prudência revelada pelo Belenenses em Santa Cruz construindo um labor essencialmente de ligação das suas linhas de defesa, ainda que não perdendo o sentido do ataque, em expedições, quando facilitadas pelo adversário.

Consciente da sua superioridade, o Belenenses deixou correr as coisas no convencimento de que o triunfo não lhe fugiria. O empate do 1.^o tempo já era prometedor. Aos 8 minutos da 2.^a parte estava aberto o caminho. José Pedro, mais tarde, socegou o espírito dos lisboetas.

Deve dizer-se que a Académica fez uma exibição entusiástica e interessante enquanto as forças físicas não lhe escassearam.

Resultado feito num «instante»...

Há jogos que decorrem como o do campo dos Arcos. Chega a haver a impressão de que não haverá *goals*, tantas são as oportunidades desperdiçadas e as vezes que os avançados se encontram em frente das redes sem conseguir furá-las.

O Salgueiros foi mais ameaçador do que o Vitória. Inesperadamente ameaçador, pois ao conseguir um *goal* — este teve o efeito de despertar as energias do adversário. Só quando começou a perder é que o Vitória (Setúbal) se lembrou que tinha de ganhar...

Os números da época de 1943

e as suas indicações anotadas sem comentários

por SALAZAR CARREIRA

SATISFAZENDO pedidos que nos foram dirigidos por amadores do atletismo, completamos as nossas tabelas estatísticas com a indicação dos melhores resultados da época finda nas provas constantes da tabela finlandesa, com a pontuação correspondente. Poderão assim todos os interessados conhecer, com verdade, quais foram os melhores atletas e os núcleos clubistas mais em destaque.

60 metros (todos estreantes): Fernando Araujo (Sp.), Júlio Norberto (Br., Pinheiro Gonçalves (U. Coimbra)), José Romero (F. C. P.), todos 7,3 s., 696 p.

100 metros: Fernando Lourenço (Sp.), 12,8 s., 10,9 s., 902 p.; Alípio Abrunhosa (Sp.) e Manuel Núncio (Sp.), 11,1 s., 814 p.; Manuel Raposo (Bf.) e Sampaio Peixoto (Ac.), 11,2 s., 787 p.

150 metros (todos juniores): Eugénio Eleutério (Bf.), 16,9 s., 767 p.; Abreu Lima (Ac. Coimbra), 17 s., 751 p.; João Castilho (Sp.), Auricélio (Bf.), Bandeira Bastos (Int.), 17,2 s., 718 p.

200 metros: Fernando Lourenço (Sp.), 22,5 s., 817 p.; Manuel Núncio (Sp.), 23 s., 757 p.; Abreu Lima (A. A. C.), 23,2 s., 734 p.; Evaristo Silva (Sp.), 23,3 s., 722 p.; Sebastião Pereira (Br.) e Francisco Póvoas (F. C. P.), 24 s., 648 p.

300 metros (todos juniores): Mota Cerveira (Bf.), 37,5 s., 695 p.; Mário Póssolo (Bf.), 37,9 s., 669 p.; Francisco Póvoas (F. C. P.), 38,1 s., 657 p.; João Castilho (Sp.), 38,2 s., 651 p.; Auricélio (Bf.) e J. Reino (Sp.), 38,6 s., 626 p.

400 metros: Matos Fernandes (Bf.), 51,8 s., 775 p.; João Jacinto (Sp.), 54 s., 669 p.; Evaristo Silva (Sp.), 55,8 s., 593 p.; Alberto Afonso (Bel.), 55,9 s., 589 p.; Manuel Campos (Sp.), 56 s., 585 p.

500 metros: João Jacinto (Sp.), 2 m. 7 s., 656 p.; Coutinho Monteiro (Ac.), 2 m. 7,7 s., 645 p.; Matos Fernandes (Bf.), 2 m. 8 s., 628 p.; Jorge de Azevedo (Bf.), 2 m. 9,4 s., 613 p.; Costa Pereira (Bf.), 2 m. 10,9 s., 588 p.

1.000 metros: Coutinho Monteiro (Ac.), 2 m. 43,5 s., 689 p.; Adriano Gomes (Bf.), 2 m. 44,6 s., 673 p.; Costa Pereira (Bf.), 2 m. 47,4 s., 634 p.; M. Nogueira (Sp.), 2 m. 50 s., 609 p.; Diamantino França (U. Coimbra), 2 m. 59,8 s., 599 p. Os três primeiros eram juniores.

1.500 metros: Coutinho Monteiro (Ac.) e Armando Pereira (Bf.), 4 m. 26 s., 655 p.; Jorge Azevedo (Bf.), 4 m. 28 s., 634 p.; Agostinho Brito (Bf.), 4 m. 28,6 s., 622 p.; Bernardo Silva (Salg.), 4 m. 33 s., 597 p.

2.000 metros (todos estreantes): Afonso Marques (Sp.), 6 m. 9 s., 628 p.; Bernardo Silva (Salg.), 6 m. 19 s., 599 p.; António Azevedo (Al.), 6 m. 22 s., 575 p.

3.000 metros (todos juniores): João Silva (Bf.), 9 m. 8 s., 724 p.; Manuel Gonçalves (Bf.), 9 m. 15,2 s., 761 p.; Afonso Marques (Sp.), 9 m. 17,9 s., 748 p.; Jaime Martins (Sp.), 9 m. 25,3 s., 716 p.

5.000 metros: Manuel Nogueira (Sp.), 16 m. 34,2 s., 683 p.; Manuel Gonçalves (Bf.), 17 m. 10 s., 603 p.; Bernardo Silva (Salg.), 17 m. 17 s., 666 p.

10.000 metros: João Silva (Bf.), 34 m. 59,9 s., 662 p.; Manuel Gonçalves (Bf.), 34 m. 59,8 s., 654 p.; Manuel Nogueira (Sp.), 35 m. 4,6 s., 649 p.; Albino Silva (F. C. P.), 35 m. 59 s., 600 p.

Barreiras, 110 m.: Fernando Ferreira (Bf.), 15,8 s., 804 p.; Martins Vieira (Bf.), 16 s., 776 p.; A. J. Pereira (Bf.), 16,4 s., 723 p.; Guimarães Marques (Sp.), 17 s., 651 p.; M. Coutinho (Ac.), 17,9 s., 557 p.

Barreiras, 400 m.: Martins Vieira (Bf.), 1 m. 2,1 s., 637 p.; Luis Alcide (Bf.), 1 m. 2,8 s., 616 p.; António Araújo (Sp.), 1 m. 3,2 s., 604 p.; José Couto (Ac.), 1 m. 3,4 s., 598 p.; A. Silveira (Sp.), 1 m. 5,6 s., 538 p.

Alvara: Matos Fernandes (Bf.) e João Durães (Sp.), 1 m. 28,7 s., 786 p.; Luis Alcide (Bf.), 1 m. 27,7 s., 787 p.; Alberto Cunha (Ac.), Menezes (Bf.), F. Guerreiro (Sp.) e Boia (A. A. C.), 1 m. 30,7 s., 671 p.

Comprimento: Alvaro Dias (Sp.), 6 m. 47, 668 p.; Abreu Lima (A. A. C.), 6 m. 42, 656 p.; Mota Capitão (Bf.), 6 m. 41, 654 p.; João Mendonça (Sp.), 6 m. 39, 649 p.; M. Oliveira (Sp.), 6 m. 25, 615 p.

Triplo salto: Luis Alcide (Bf.), 12 m. 59, 727 p.; Moniz Pereira (Sp.), 12 m. 50, 696 p.; Renato E. Santo (Bf.), 12 m. 78, 621 p.; Manuel Ribeiro (Salg.), 12 m. 68, 608 p.; António Santos (Bf.), 12 m. 62, 600 p.

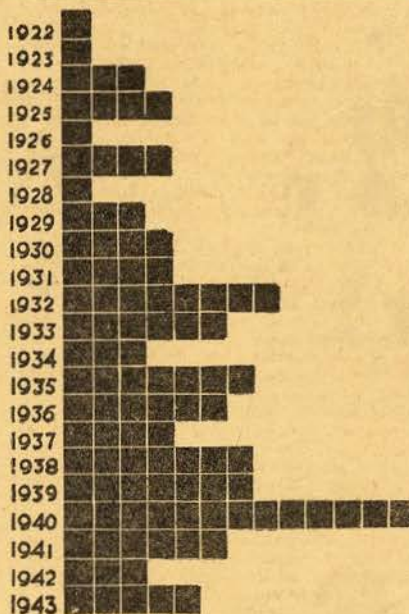
Abrunhosa e Núncio, e o benfiquista Fernando Ferreira; entre 750 e 800 encontramos Raposo e Sampaio Peixoto, João Silva, duas vezes Matos Fernandes Durães, Martins Vieira, M. Gonçalves, Eleutério, Núncio e Abreu Lima, com mais dois registos na primeira metade da centena.

Temos portanto superioridade absoluta dos corredores (os oito primeiros lugares da tabela); os melhores saltadores, Matos Fernandes e Durães, atingiram 786 pontos, e o melhor lançador, Emídio Ruivo, apenas 673.

O gráfico anexo apresenta o confronto das vinte últimas épocas de atletismo pelo número de resultados superiores aos 800 pontos registados nas provas oficiais do programa de seniores.

Procuremos agora uma linha de comparação que nos autorize a julgar — sem interferência de critério pessoal susceptível de paixão ou merecimento relativo das diversas proezas dos campeões:

1.º — O tempo de Lourenço nos 200 metros corresponde a 51 s. nos 400 metros; vale mais



A totalidade de marcas é de 101, divididas pelas seguintes provas e atletas:

67 em 100 metros (Salcedo, Pôrto, Carvalho, Rendas Alves Pereira, Cunha Rosa, Neves Carvalho, Pontes, Evaristo, Núncio, Uva Cansado, Abrunhosa e Lourenço, do Sporting; Sarsfield, M. Pôrto e Costa Pereira, do Sport; Gentil, Pires e Diniz, do Internacional; Sarsfield e M. Pôrto, do Sport; Vasconcelos e Ferreira, do Benfica; e Evaristo e Lourenço, do Sporting).

1 em 400 metros (Francisco Bastos, do Sporting).

3 em 800 metros (A. Calado, do Alameda, e Francisco Bastos, do Sporting).

10 em 5.000 metros (Marques Graça e A. Almeida, do Vendado; Manuel Dias, do Sporting e Benfica, e A. Tavares, do Sporting).

2 em 10.000 metros (António Almeida, do Vendado, e Albino, do F. C. Pôrto).

4 em 110 metros-barreiras (Martins Vieira, Glória Alves e Fernando Ferreira, do Benfica, e António Pereira, do Belenense).

1 no salto em altura (Espírito Santo, Vasconcelos e Matos Fernandes, do Benfica, Bastos Machado, de Braga).

1 no lançamento do disco (Herculano Mendes, do Académico).

1 no lançamento do martelo (Herculano Mendes, do Académico).

Fora das provas e épocas incluídas no gráfico, atingiram ainda além dos 800 pontos: Correia Leal, do Internacional, nos 100 metros, em 1931; Pires de Almeida, do Benfica, e Manuel Dias, do Sporting, nos 3.000 metros; e Pascoal de Almeida, do Cruz Quebrada, no salto em altura, em 1935.

do que os «records» nacionais dos 1.500 e de todos os concursos, excepção o do salto em altura.

2.º — O melhor júnior do ano foi João Silva, cujo «record» dos 3.000 metros corresponde a saltar 6, m. 98 em comprimento, lançar o dardo a 80, m. 57 e o peso a 13, m. 79. O resultado de Manuel Gonçalves na mesma distância equilibra-se com a marca de Eleutério nos 150 metros, a qual, no entanto, igualou um mínimo nacional.

3.º — O melhor estreante de 1943 foi Afonso Marques, cujos 2.000 metros equivalm a 36,7 nos 300 metros, e a 1 m. 03 s. nos 800 metros. Na mesma categoria, t-m maior valor o tempo dos corredores de 60 metros do que a marca de Mota Cerveira, cuja presença na pista foi no entanto de muito mais impressionante aparência.

4.º — O tempo de Manuel Nogueira na légua nacional supera o de João Silva nas duas léguas regional e contudo o paralelo visual das provas de ambos afigura-se-nos de tendência inversa.

5.º — Para concluir: o segundo tempo de Lourenço nos 100 metros 10,9 s. (dando de barato que tenha havido influência do vento na melhor marca do nacional), corresponde nas restantes provas do programa a: 22 08 s. nos 200 m., 35,1 s. nos 300 m., 50 s. nos 400 m., 1 m. 56,8 s. nos 800 m., 2 m. 32,4 s. no qui ómetro, 8 m. 52,5 s. nos 3.000 m., 15 m. 23,9 s. na légua, 32 m. 6,7 s. nas duas léguas, 15,35 s. nos 110 m. barreiras, 55,7 s. nos 400 m. barreiras, 1 m. 87 em altura, 7 m. 25 em comprimento, 3 m. 92 a vara, 14, m. 60 no triplo lançamentos do peso a 14, m. 54, do disco a 45, m. 17, do dardo a 64, m. 28 e do martelo a 49, m. 02.

Cristóvão Aires

e um caso de desporto

A propósito do falecimento de Cristóvão Aires, escreveu o dr. Augusto de Castro, em editorial do nosso prezado colega «Diário de Notícias», que entre outras qualidades do falecido jornalista se destacava, como sendo das melhores, uma elevada noção da amizade. Sabia, de facto, ser amigo — em todas as emergências.

Julgamos por isso oportuno, como preito de homenagem a Cristóvão Aires, recordar um caso de desporto em que êle interveio com a espontaneidade que lhe era habitual. Passou-se, êste caso, em 1935, vai para nove anos.

O Velo Clube «Os Leões», de Ferreira do Alentejo, mandara uma equipa à Guarda, na semana que precedeu o «Pôrto-Lisboa» desse ano. Iam, entre os quatro corredores habituais dos «leões de Ferreira», Alfredo Trindade e António Contente. Como director do clube e chefe da equipa, seguira José Viegas, que guiava o carro de apoio. Disputada a prova na Beira, a equipa desceu ao litoral para depois fazer ruído ao Pôrto, com a ideia de aproveitar qualquer terra do percurso para repouso e treinos curtos. António Contente, dentro da tática combinada, teria de «puxar» a corrida na primeira parte do trajecto, entre o Pôrto e Coimbra. E Alfredo Trindade tentaria o triunfo no percurso restante.

Passo do Espinho e transposta a Granja, a equipa descobriu um hotel em Miramar. O dono, surpreendido, porém, pela inusitada dos recém-chegados e pela «aparelhagem» conduzida no automóvel, alegou falta de quartos. Mas na equipa ficou a impressão de que o

(Conclui na pág. 14)



BENFICA-OLHANENSE: O goleiro entrou o 4.º posto dos "encarnados" na fase que o antecedeu.



ACADEMICA-BELENENSES: Acácio vai receber um remate de Eloi (foto M. Carvalho)



ACADEMICA-BELENENSES: Mário alivia de cabeça um ataque dos "azuis" (foto M. Carvalho)

Os clubes de Lisboa como BELENENSES

à frente, ocupam os 1.ºs lugares ao fim dos nove jogos da primeira volta do Campeonato Nacional



BENFICA-OLHANENSE: Abraão, que parece suspenso na trave, consegue defender para "coelho" um espetoso ataque do Benfica. Tullio chega tarde.



BENFICA-OLHANENSE: Teixeira com a defesa algarvia — agora ingluco.



ACADEMICA-BELENENSES: Acácio mergulha, com a habitual decisão, para defender um remate de Rafael (foto M. Carvalho)



SPORTING-VITÓRIA (G.): A esquerda, Machado defende apertado por Jesus Correia; à direita, um ataque dos "leões" — que alguns vimaranenses encaram a sorrir...



(fotos Manique)

Os «LEADERS» confirmaram

as suas posições no decurso da sétima jornada

A sétima jornada do torneio menor da Federação Portuguesa de Futebol decorreu normalmente. A não ser um ou outro «score» mais expressivo — com especial evidência a simpatia pelos 7-0 — e as dificuldades impostas por dois «lanternas vermelhas» a dois «leaders», nada mais se registou digno de realce. Em todos os agrupamentos os favoritos mantiveram as suas posições e um houve — a Sanjoanense — que beneficiando da derrota do segundo classificado, consolidou a sua invejável situação.

E, como de costume, vamos analisar, de relance, o que nos deu a última «ronda».

Grupo A

Entre os clubes da A. F. Braga só o Famação continua a mostrar-se regular, somando dois pontos por jornada. Os restantes, com «altos» e «baixos», ora perdendo, ora ganhando, ajudam a tarefa do «leader». O Vila Real já carrilhou e as suas últimas exhibições harmonizam-se mais com o valor demonstrado nas últimas épocas. O Vianense parece melhorar e, no seu campo, já não pode ser encarado confiadamente.

Leixões, Boavista e Académico venceram e convenceram, desfazendo, pelo menos momentaneamente, a impressão de crise que denotaram nas últimas «saídas». Depois destes, podemos considerar o C. Imbrões, o Ramalense e o Leça. Os restantes continuam a sustentar luta animosa e renhida, salientando-se, na última jornada, o C. D. Aves, o Avintes e o F. C. Gaia.

Grupo B

Passemos a Aveiro. A Sanjoanense prossegue vitoriosa. No último domingo ganhou em dois campos... porque derrotou o Sporting de Espinho e porque o Beira Mar bateu o União de Lamas. Mas a Oliveirense esteve em evidência infligindo pesada derrota (7-0) à Ovarense.

O B. diosense alcançou resultado surpreendente, que dever ter alegrado os dois clubes de Viseu, pois viram atrasar-se o Vouzelense.

O Sporting da Covilhã venceu o S. L. Covilhã mas por um resultado apertado: 1-0. Parece que a eficácia dos seus dianteiros está em «via

reduzida»... O C. F. «Os Covilhanenses» voltou a perder em frente do S. L. Castelo Branco. Com estes desfechos, as posições dos quatro clubes da Beira Baixa definiram-se mais claramente.

Outra surpresa: o empate que o Alentejo impôs ao Lanificio, no campo deste. Pode, talvez, pensar-se em demasiada confiança do «leader».

Grupo C

Ainda desta vez os clubes de Santarém não conseguiram acreditar-se. É certo que defrontaram as duas equipas mais em evidência...

O Alcanense foi o «team» mais em foco, mercê dos seus 7-0 ao Alverca.

O Caldas S. C. perdeu pela primeira vez, tendo por adversário o Peniche.

Os mais categorizados de Lisboa, o Unidos e o Fósforos, ganharam concludentemente. O grupo do Lumiar A foi, até, mais além do que se previa, sabido que o Torreense na sua terra é sempre bastante perigoso. E o Futebol Benfica tardou em vencer a resistência do S. L. e Olivais.

O Barreirense viu-se em apuros com o Casa Pia; Onze Unidos do Montijo, agora tanto em evidência, de-embarçou-o e do Arrentela e o Estoril chegou bem para o Operário. Distanciaram-se, portanto, mais os três primeiros, dos três últimos da sub-série.

O Chelas resistiu bem ao Unidos do Barreiro. Se o desafio durasse 70 minutos, o desfecho teria sido um empate. O Ginnásio Clube do Sul ganha confiança e, por via disso, vai ganhando desafios.

Grupo D

O Juventude de Évora não contava certamente que o Estremoz fosse tão aguerrido. O Luso de Beja complicou a «vida» ao União da mesma cidade.

No Algarve, o Farense deixou-se bater pelo Lusitano de Vila Real, com a atenuante de ter ido ao campo do adversário. E o Sport Lisboa e Faro ainda não desmentiu o conceito de ser o maior «time» da região. Perdeu com o Glória F. C. — ZÉ DO PEAO.

Na III Divisão da A. F. L.

Desportivo dos Olivais e Parede «leaders» dos respectivos núcleos

SÃO assim os grupos da terceira divisão; caracterizadamente irregulares. Ao entrar para o campo, nunca se sabe o que irá fazer, nem como se comportarão em face de determinado adversário, quer seja mais ou menos categorizado.

São conjuntos que, de maneira geral, vivem do improviso individual de determinados elementos habilidosos, da inspiração momentânea de esta ou daquela unidade, e nunca da acção de conjunto previamente estabelecida.

Porque acompanhamos de perto a vida das colectividades sabemos quanto lhes é impossível, pelo menos à maioria, a resolução do problema. Isso, não significa, no entanto, que não o levemos em linha de conta, para justificar a actuação irregular dos elementos que presentemente disputam o torneio n.º 3 da A. F. L.

Os oito clubes que compõem o núcleo lisboeta podem dividir-se, quanto a possibilidades futuras, em dois grupos distintos: um composto por cinco colectividades — Desportivo dos Olivais, Cascalheira, Palmense, Desportivo Operário e Picheleira — podendo, qualquer deles, aspirar ao título de campeão. Outro, formado por três clubes — Desportivo de Arroios, Estrela Amadora e Amoreiras — cujas aspirações a um lugar de relvê de há muito se devem ter dissipado. De entre estes, apenas a posição do Arroios constitui surpresa. Francamente — esperavamos mais. E os dois últimos, ambos estreantes na competição, irão, por certo, travar uma luta que não deixa de ser curiosa: a fuga ao último lugar.

De entre os primeiros cinco, o que parece reunir mais condições para vir a ser o campeão é, de facto, o Desportivo dos Olivais, apesar mesmo de ter perdido com o Cascalheira.

Os pares Cascalheira-Palmense e Desportivo-Operário Picheleira, em idênticas posições na tabela da classificação, vão, certamente, nas jornadas que falta ainda disputar, travar luta cerrada, no desejo legítimo de conquistar um lugar honroso.

Em reservas, Desportivo, Operário, Palmense e Arroios, são os candidatos ao título mais apetrechados. No núcleo de Cascais tudo nos indica que o triunfo venha a sorrir ao Parede. Coscals e Sintrense, em luta cerrada para o segundo posto, surpreitam, no entanto, a marcha do «leader»...

Em reservas, é o Sintrense que dá surpresas. Mas a luta para o segundo lugar é grande, nela intervindo o Paço de Arcos, o Parede e o Caravelos. — A. T.

VOLLEY-BALL

As indicações de uma semana de jogos no Campeonato Universitário

O campeonato universitário que está decorrendo no ginnásio do Instituto Superior Técnico, sob a organização da respectiva associação escolar, merece ser considerado a prova mais entusiástica, e de melhor propaganda da modalidade, que até agora se tem disputado em Lisboa.

Excepcionalmente a sessão matinal de domingo, que não teve meia centena de espectadores e na própria constituição das equipas acusou desfalques significativos, as jornadas do campeonato reuniram, na ampla galeria circundante, assistência muito numerosa e muito mais entusiástica, emprestando aos jogos um ambiente de invulgar animação: invulgar pelo calor permanente dos aplausos e pelo espírito desportivo das manifestações.

Público moço e educado, este do campeonato de «volley» tem o condão de criar um outro espectáculo agradável e simpático, a-par-do espectáculo desportivo da competição que ocorre na nave. Quem assiste com espírito observador às sessões do campeonato universitário não pode ficar com dúvidas quanto à capacidade emotiva do jogo que, em certos lances de ataque decisivo ou defesa arrojada, empolga por completo o espectador que compreende a mecânica e a finalidade do «volley».

Donde se depreenderá também que a indiferença da população associativa nos clubes praticantes é, ou deve ser, uma simples questão de desconhecimento da modalidade. Por que não se procura associar encontros de «volley» às organizações dos desportos mais populares?

O que valem os concorrentes

Ao cabo das quatro jornadas da primeira semana, a impressão geral sobre o valor das equipas concorrentes é de acentuada disparidade: em doze encontros disputados, nenhum precisou de recurso a terceira partida e apenas em duas das 24 efectuadas os vencidos conseguiram ultrapassar os dez pontos.

O conjunto do Instituto Superior Técnico está fortíssimo, aproxima-se em certos pormenores da perfeição e não vemos quem possa opor-lhe sequer resistência além da equipa do Instituto Nacional de Educação Física, cuja preparação intensa assegura o entendimento entre os seus elementos — o verdadeiro trunfo-mestre do «volley» — em grau impossível de alcançar pelas restantes equipas de constituição ocasional.

Estes dois concorrentes são os únicos que se apresentam com a preparação aperfeiçoada; a classe dos outros depende da experiência e conhecimentos individuais dos seus jogadores, e para eles o decurso do campeonato representa treino precioso, de consequências favoráveis para a sua acção nas últimas jornadas da prova.

Os conjuntos que parecem mais equilibrados, depois dos dois favoritos, são os de Ciências, Agronomia e Direito, com Medicina em plano imediato; Económicas e Financieiras, Colonial e Belas Artes são aqueles que ainda não conseguiram vencer.

Os jogos desta segunda semana devem definir as posições, e o encontro que hoje à noite disputam entre si Técnico e I. N. E. F. é a autêntica final do campeonato.

E de justiça salientar a regularidade de organização, a pontualidade no cumprimento dos horários previstos, o critério e independência das arbitragens, confiadas a estudantes que têm desempenhado com louvável acerto a sua importante missão.

Verifica-se quasi sempre certa complacência no julgamento das faltas secundárias. Vozone foi o único árbitro absolutamente rigoroso. Todos os outros desculpam as boladas que pisem o risco de fundo, fecham os olhos aos transportes por má recepção da bola e fixam apenas a sua atenção nos toques na rede e ultrapassagens de mão. Como o critério benevolente é sempre idêntico, não há motivos para censurar — nem influência a transtornar a marcha regular das jogadas.

Indicamos, para conclusão destes comentários, a lista dos resultados obtidos:

1.ª jornada: I. N. Educação Física I. S. Agronomia, 15-8; 15-7; F. Direito-E. S. Colonial, 15-2, 15-1; Medicina-Belas Artes, 15-13, 15-1.
2.ª jornada: I. S. Técnico-I. S. C. E. Financieiras, 15-0, 15-1; Agronomia-E. S. Colonial, 15-6, 15-4; F. Direito-Belas Artes, 15-4, 15-6.
3.ª jornada: I. S. Técnico-F. Medicina, 15-3, 15-5; F. Ciências-I. S. C. E. Financieiras, 15-1, 15-10; I. S. Agronomia-Belas Artes, 15-1, 15-6.
4.ª jornada: I. N. E. F.-E. S. Colonial, 15-0, 15-2; I. S. Técnico-F. Direito, 15-1, 15-4; F. Ciências-F. Medicina, 15-7, 15-10.

JOSÉ DE EÇA

DOIS INQUÉRITOS

A falta de espaço e o número de novas respostas entradas na última semana, forçaram a guardar para a próxima semana a publicação dos resultados.

Aproveitamos a oportunidade para avisar os nossos leitores de que os seus «votos» só serão recebidos até o próximo sábado, dia 29.

tividade distribuiu medalhas aos seus atletas. No sarau colaborou a classe de ginástica aplicada do Lisboa Gimnástico, de que é professor Roberto Gonçalves. O nosso distinto colaborador dr. Salazar Carreira proferiu, ao abrir a sessão, uma interessante palestra, que foi calorosamente aplaudida.

TIRO AO ALVO — Prosseguiram, na carreira «Dr. António Martins», do Ateneu Comercial, as provas de desempate da taça «João Pereira da Rosa».

— Na carreira «Henrique José da Ponte», do Campo de Ourique, principiou a disputar-se um torneio para iniciados.

«VOLLEYBALL» — Em Castelo Branco principiou o torneio entre centros da Ala 1 (D. Lopo Fernandes) da «Moçidade Portuguesa».

ACONTECIMENTOS DA SEMANA

ASSEMBLEIAS GERAIS — Reúniram-se as do Atlético Clube de Portugal (pela primeira vez), Sociedade de Tiro n.º 2 (antigo Grupo Pátria) e Grupo Desportivo da Empresa Nacional de Publicidade («Diário de Notícias»).

ATLETISMO — Em nova prova de «cross-country», entre sócios do Belenenses — disputada nos terrenos que circundam o seu campo atlético — o estreante Cândido Afonso Piato creditou-se vencedor, seguido de Artur Galharzo, José Antunes e Jorge de Freitas.

BILHAR — O campeão português, Joaquim Rebelo, exhibiu-se num «match» de 1500 caramolas, em Anadia, com Ferreira, também do Porto.

FUTEBOL — Em continuação do campeonato nacional corporativo, disputaram-se desafios nos campos de Afonso de Albuquerque, em Belém, e da P. S. P., no Campo de 28 de Maio, com os resultados seguintes: Papelaria Fernandes-Armazens do Chiado, 4-2; Fábrica Galvotas-Levantamentos Aéreos, 5-0; Material de Engenharia-Empresa Nacional de Publicidade, 8-0; Fábrica Portuguesa-Progresso Mecânico, 1-1; Espírito Santo-Moagens de Ramas, falta dupla.

— Em Romariz (vila da Feira) inaugurou-se um parque desportivo, com a presença das autoridades locais, disputando-se depois dois desafios, com os resultados seguintes: Sporting de Cocujães-Sporting Sezarense, 4-1; Desportivo de Romariz-Macielense, 0-0.

— O Valencia continua leader do campeonato de Espanha, com 23 pontos em 15 jogos, seguido do Barcelona e do Athletic Aviacion.

«HANDBALL» — Em face de acontecimentos ultimamente ocorridos no campo do Estoril Praia (Amoreira) a Associação de Lisboa decidiu interditar aquele terreno para a prática do jogo, até se apurarem responsabilidades, conforme um processo disciplinar em curso.

— No torneio do Vilanovenses, que prossegue com entusiasmo, o F. C. do Porto venceu o «team» do clube organizador, por 6-2.

HIPISMO — Na Argentina estava a disputar-se uma prova — de Buenos Aires a Santiago do Chile — na qual o cavaleiro Molinas Salas pretende bater o «récord» de duração a cavalo. Percorreu já, segundo informações ultimamente recebidas, cerca de setecentos quilómetros.

HOMENAGENS — Esgrimistas e jogadores de xadrez e de «hockey» em campo do H. C. P. foram honrados com um sarau, durante o qual a direcção daquela selec-

O dr. ABRANTES MENDES

fala-nos acerca do desnível de forças no torneio da 2.ª divisão da A. F. L.

NA sequência dos comentários aqui feitos à actual orgânica do futebol lisboeta, pelo que se refere ao agrupamento da 1.ª e 2.ª divisões, vamos prosseguir na publicação dos depoimentos colhidos junto de quem, pela sua actividade na vida desportiva dos clubes mais directamente interessados no «caso», pode fornecer judiciosas opiniões com vista à desejada solução.

Hoje, uma outra figura do desporto, componente desse grupo de jogadores que há dez anos atrás colocou o futebol nacional em situação de valor e merecimento, dá-nos a sua opinião — por sinal bem merecedora de interessar os nossos dirigentes desportivos.



Dr. Abrantes Mendes

O dr. Abrantes Mendes, antigo e brilhante componente da linha avançada sportinguista e que um vulgar acidente de jogo afastou da actividade, continua directamente ligado aos assuntos de futebol. Assim, o seleccionado que representou as nossas cores nos jogos com a França, Bélgica, Itália, Checo-Eslováquia, Paris, Sevilha e Madrid, foi já o orientador técnico do Sporting Clube Coruchense e do antigo Carcavelinhos, e exerce presentemente as mesmas funções no Grupo Desportivo «Os Fósforos».

— A minha opinião sobre o assunto — diz-nos — é ditada pela ideia de justiça que, para tudo, ponho sempre em primeiro lugar. Por isso sou sincera e francamente pelos oito clubes na 1.ª divisão da Associação de Futebol de Lisboa.

«A iniciativa da «Stadium», movimentando esta questão, é simpática e merecia que por ela se interessassem as individualidades dirigentes do nosso desporto. E ao apreciar-se este «caso» não se pense que há para mim o desejo de ver dois ou três clubes passarem à divisão superior. O aspecto a ponderar é mais importante, reforça-se até por uma questão de moral desportiva. A 2.ª divisão, a persistir-se na orgânica que apresenta, perde interesse, não só pelo valor desportivo da competição como por contribuir para desmoralizar todo aquele grupo brioso de clubes que, antes mesmo do torneio se iniciar, já consideram a primeira classificação na posse da equipa que, pelas suas características e possibilidades, se apresenta em plano bastante superior.

«O que sucede com o Estoril Praia sucederia com o Fósforos, valorizado o seu conjunto pelo estágio na 1.ª divisão, isto porque todo o grupo que esteja na divisão superior apenas três anos dificilmente baixa de classe. Pode até dar-se esta classificação: o 1.º ano é de fracasso; o 2.º de adaptação; e o 3.º de confirmação... Ao fim deste período o grupo que vier da divisão inferior ganha personalidade, aparece-nos outro — e estas características não as perderia facilmente se voltasse à sua antiga posição. Portanto, quer seja o Estoril Praia ou o Fósforos, manter-se só o aspecto verificado este ano no campeonato da 2.ª divisão!

«Apoio sem reservas a vossa ideia. Oxalá se consigam conjugar esforços suficientes para que ela se torne realidade, pois constitui, acima de tudo, um caso de muito interesse na valorização do futebol de Lisboa.

«Sobre o outro clube que de início iria beneficiar desta transformação, o Futebol Benfica, afirmo-lhe a minha inteira simpatia. Localizado num bairro com as melhores tradições no nosso desporto, o Futebol Benfica pode ser um valor muito apreciável no futebol.

Campeonatos Internacionais de Ténis

ALGUMAS NOTAS
E COMENTÁRIOS

OS campeonatos internacionais de ténis, disputados no Estoril, e que terminaram com a vitória do jogador romeno Rurac, na prova de homens (singulares), sobre o famoso tenista francês Henri Cochet, dão margem a alguns comentários. Em primeiro lugar, não houve nem o público nem o entusiasmo que seria natural, tratando-se de uma prova a que concorriam jogadores estrangeiros de excelente categoria — e um deles, até, ex-campeão mundial.

O caso explica-se. O Estoril é ainda um local pouco acessível e o ténis não é desporto popular ou que tenha captado a curiosidade das massas. Por outro lado, e nisto supomos estar o ponto vital do problema, o nível tenístico português é baixo, não podendo irmanar com o de outros países europeus.

Em segundo lugar, este campeonato surgiu de chofre, pois não é de organização periódica anual ou, se o é, nem sempre ganha a importância que teve agora. A sua volta, o réclame ficou frouxo e resumido. Acrescente-se a isto a incerteza do estado atmosférico — e ter-se-ão expressas todas as principais razões porque o torneio do Estoril se passou, digamos, em família.

Quanto à classe dos visitantes, houve três homens e uma senhora de méritos indiscutíveis: Cochet, Rurac e Szawost, de um lado, e Madame Rurac, do outro.

Cochet foi um *ds* de invejável grandeza. Joga o ténis como os grandes poetas fazem bons versos: sob o domínio de íntima inspira-

— E se se conseguisse a fusão de clubes que está em perspectiva para os lados do Poço do Bispo?

— Seria o ideal. Fósforos, Marvilense e Chelas, se conseguissem a fusão a que alude, constituiriam um grande clube! O reforço de elementos de valor que a 1.ª divisão receberia — era excelente.

O dr. Abrantes Mendes continuou expondo-nos as suas ideias:

— Depois, quantas mais coisas poderiam conseguir-se! O campeonato de Lisboa a ser disputado com dois jogos em cada campo, era uma resolução admirável. Para o público, que tinha assim uma tarde de futebol mais sucilenta, e que portanto mais lhe interessaria, e para os jogadores, por dois motivos: primeiro, poderiam ver em acção os seus companheiros de desporto — e isto servia-lhes para exercerem o seu critério de observação, corrigindo quanto vissem fazer mal feito ou aprendendo outras coisas que nem sempre as indicações do treinador conseguem fazer-lhes compreender; segundo, tinham sempre em sua volta público mais numeroso — pormenor de muito interesse, pois todos se sentiriam sempre mais obrigados a bem desempenhar a sua missão quando, em vez de «uma», estivessem «dez» pessoas a apreciá-los...

Uma outra ideia, deveras interessante, do dr. Abrantes Mendes:

— A segunda categoria devia desaparecer, ficando só o 1.º «team» e a reserva. Aquela categoria serve unicamente para prender num estágio crónico jogadores que, sendo bons elementos, nunca chegam aos dois «teams» principais do clube. Esses jogadores iriam então reforçar os grupos da 2.ª divisão. E o lucro era para ambas as partes. Como agora sucede, perdem-se umas dezenas de jogadores «agarrados» só ao clube para o rápido torneio da A. F. L.

«Consequindo-se isto era de tentar uma outra novidade: os jogos de reservas, e em devido tempo os de juniores, efectuarem-se aos sábados à tarde, a preços populares.

Depois de nos dizer que o jogo de passagem Fósforos-Estoril Praia é sempre um jogo difícil e por todos encarado com grande respeito, o dr. Abrantes Mendes concluiu por afirmar:

— Veja a série de coisas interessantes que se poderiam conseguir, e quanto se valorizava a orgânica do futebol lisboense, se triunfar, como merece, a ideia do alargamento da 1.ª divisão da A. F. L.!

FERNANDO SA

ção, mesclada de romantismo. Artista na verdadeira acepção do termo, ora se mostra indiferente e distante, permitindo ao adversário todas as ousadias, ora se concentra e anima, reduzindo com golpes imparáveis a m-ís sólida oposição. É certo que os meios físicos lhe falham imenso, mas a sua dextreza, colocação e economia de esforços é tão grande que a juventude mais bem dotada terá de empenhar-se para vencer. Foi o que sucedeu a Rurac, na final, deante de um Cochet fatigado e adoeitado.

O jogador romeno equipara-se ao húngaro na técnica e no físico, mas não em tática. Szawost é, decerto, executante espíndido, servindo forte e batendo muito bem a bola no fundo do court, mas na condução das partidas deixa a iniciativa ao adversário.

Contra Cochet e mesmo contra Rurac, na 2.ª feira seguinte, onde conseguiu ganhar 12 jogos em 2 partidas, vimo-lo dominado na estratégia do court, mais do que na execução.

Rurac é um temperamento propício às competições. Sóbrio, servindo-se de uma esquerda segura e forte, não desperdiçando pontos nem tentando jogadas mirabolantes e, por isso mesmo, de êxito duvidoso, achamos que bateu Cochet pela sua mecanização e juventude.

Madame Rurac, infelizmente para nós, mal se pôde exibir. Ficou-nos a convicção de que é uma jogadora feita e de grande classe, batendo a bola com o poder e segurança de um homem — e não com a debilidade habitual das nossas praticantes.

Dos restantes jogadores estrangeiros, Gentien, Cobzuc e Boter equivalem-se. São de razoável mérito e técnica, mas ficam abaixo, nitidamente, dos primeiro nomeados.

Prata Dias, José Roquette e Azevedo Gomes foram, do lado nacional e pela ordem de mérito, os melhores portugueses. E-tantos convencidos de que Prata Dias teria batido Gentien se ouzasse mais e não houvesse atirado tão repetidas vezes sobre a rede. Quanto a J. Roquette, pensamos que o torneio o «panhou» fora de forma, já que o não vimos brilhar como costuma. Afinal, o torneio resumiu-se numa prova de homens, singulares. As partidas de pares deviam ter-se disputado entre as equipas Cochet-Gentien, Rurac-Cobzuc, Prata Dias-J. Silva, Szawost-Roquette e Serra e Moura-Boter. Esta última equipa desistiu e Prata Dias-J. Silva foram batidos por Szawost-Roquette, adoecendo este tenista e dissolvendo-se a parelha.

No torneio de senhoras não houve encontros de singulares ou mistos, pelo que o Campeonato de Inverno, como dissemos, não registou o brilho que deveria ter tido. Foi p-na, por exemplo, que Pepa Chávarri não tenha participado para se medir a capacidade da jogadora romena e que suscitamos ser das mais fortes raquetes femininas que nos têm visitado, excluindo, é claro, a falecida Suzana Lengien.

XADREZ

Solução do Problema n.º 10: 1: Ta4×b4

A chave é um tanto fraca, mas o conteúdo excelente. Ensaio crítico de Rui Nascimento, na R. P. X.; «Novamente o tema de correcção negra, que apresenta admiravelmente combinados efeitos de meia-pregagem (dos CC. pretos), dual evitado por pregagem (do P e a D branca) e interposições pretas e brancas. A chave permite um xeque ao Rei branco.» Foi premiado em 1.º lugar no «Primeiro Concurso Internacional do Ajedrez Español, 1942», entre 43 problemas.

Solucionistas: J. G. Soares da Graça, Coimbra; José Augusto Alexandre, Sagres; Hans Schneider, Algés; João Barros, Santarém; Daniel de Sousa e Diamantino Viegas, Porto; dr. Joaquim Monteiro, Ernesto Sanches, dr. G. Ribeiro, Alberto Mesquita, Orlando Casimiro dos Santos, Rui Soares, João Carlos Duarte e Fernando A. Pires, de Lisboa.

— Como muito bem observou o nosso distinto solucionista, sr. José Augusto Alexandre, a solução do Problema n.º 9 é 1. Td4-dg, e não Td4-f4, como por lapsus se publicou.

GIL FERREIRA

o mais antigo jogador
de "basketball" em actividade
POR JORGE MONTEIRO



embora curta, mas brilhante: foi duas vezes campeão nacional — e tanto basta para querer à modalidade... E também em natação e «water-polo», de que foi campeão regional.

Desde criança que Gil começou a praticar desporto. A sério, porém, só principiou na época de 1927-28, no grupo de «basketball» do Barreirense, uma equipa famosa e de que faz ainda parte um seu antigo companheiro, e amigo de longa data, Bernardo Soeiro. Nesse mesmo ano, o Barreirense conseguiu uma proeza que o acreditou imenso: o empate de 17-17 contra o Sporting, então campeão de Lisboa. Na temporada seguinte, o clube do Barreiro disputou o campeonato de Lisboa, na promoção. E ganhou — como venceu também a «poule» final, com os apurados da divisão de honra e da 1.ª divisão, respectivamente, o Probidade e o Triângulo Vermelho, dois clubes afastados, infelizmente, das lidas do «basketball». Mais um ano — então da 2.ª divisão — e um segundo lugar. Depois, três anos seguidos campeão de Lisboa... Uma façanha que nenhum outro «team» pôde igualar ainda.

Na época de 1936-37, Gil Ferreira mudou de camisola. Veio para o então Grupo Desportivo da «Cuf», o actual Unidos, uma colectividade que teve princípios lá para as bandas do Barreiro... E dois anos volvidos foi campeão novamente, pela 2.ª divisão. O último título conquistou-o Gil em 1941.

No «water-polo» e em natação foi também campeão pela Liga dos Amadores da Natação e pelo Barreirense. Em remo, pelo Ferroviários do Barreiro, Gil Ferreira ganhou dois campeonatos regionais do sul (de principiantes e de júniores) e dois nacionais, nas mesmas categorias. E no «basketball», joga há dezasseis anos consecutivos, dez

de o princípio — sempre em primeira categoria. Eis um «record» realmente bonito e para invejar...

Resumindo: quatro vezes campeão de remo (duas nacionais), quatro campeonatos de «basketball» pelo Barreirense e dois pelo Unidos, todos estes títulos conquistados em organização da A. B. L. E foi duas vezes internacional, contra Madrid, tendo ido à capital de Espanha, em 1933, com o dr. Pina Lopes, Feliciano Barbosa (outro veterano da modalidade), Manuel da Silva, Bernardo Soeiro e Luís Santos. Para finalizar, duas palavras do atleta para o público: — Aprecio, caso curioso, mais o remo que o «basketball»! Gosto imenso da natação, e, para ver, da patinagem artística, um desporto que muito admiro. Não penso abandonar ainda, desde que me queiram no clube onde estou, pois sinto-me com recursos para desempenhar o lugar que ocupo na equipa. Nunes de Almeida, o conhecido fotógrafo da «Stadium» é, para mim, o árbitro que melhor cumpriu, mas, na generalidade, todos fazem por agradecer...

Quanto a jogadores? Dos antigos, cito Fernando Amaral — e ainda o dr. Pina Lopes, Soeiro, dr. Oliveira Martins... Todos, enfim, porque antigamente — este «antigamente» entende-se por alguns anos atrás, havia algo de mais compreensão e de camaradagem. Nos novos, agradam-me Homero, Santos (do Ateneu), Neves e Arlindo.

Quando gratíssimas recordações da minha longa actividade, pois, por exemplo, em todos os campeonatos que ganhei pelo Barreirense fui homenageado; e, pelo Unidos, recebi já duas medalhas; a primeira que tive na minha vida foi a do último campeonato de Lisboa ganho por aquele clube... Quando abandonar, porque essa dia virá, embora o julgue ainda longe, creia que o faço com saudades. E quem as não teria depois de tantos anos de actividade?...

NADO no Barreiro em 1909, Gil Ferreira, que principiou a praticar desporto aos dezasseis anos, é actualmente o mais antigo jogador de «basketball» em actividade. Uma altura em que muitos começam a sentir vontade de espousar das lidas em que empenharam anos 'sobre anos, este esportista barreirense, modelo de longevidade desportiva e de dedicação pela causa que abraçou, permanece ainda na liça, sempre com mais empenho e vontade de bem servir. Apesar de ir a uminho dos trinta e cinco anos — idade que convida ao sossego... — Gil Ferreira não cansa e continua a jogar, senão com os mesmos recursos e faculdades físicas de outróra, pelo menos com entusiasmo idêntico àquela que, noutros tempos, fizeram dele um campeão. A sua carreira é longa. Dezasseis anos de prática do desporto, sem uma interrupção sequer, querem dizer qualquer coisa... E Gil Ferreira, que foi dos mais brilhantes elementos do antigo «team» do Barreirense — um grupo que fez furor e foi invencível, durante três anos consecutivos, em provas oficiais e em torneios particulares — desde que passou para o Unidos só tem sabido cimentar simpatias e conquistar amizades. Que as merece, umas e outras, pelo seu porte sempre cavalheiresco em campo, pelo aprumo de que tem dado mostras e pela lealdade e correcção que usa pôr em todos os seus actos.

Num país em que os desportistas, mais numas modalidades do que noutras, cansam depressa e cedo abandonam, o caso de Gil Ferreira pode apontar-se como exemplo a seguir; enquanto tiver faculdades e o quiserem, continuará a jogar, sempre com mesmo entusiasmo e a mesma vontade. Mas não somente no «basketball» o barreirense tem conquistado fama. Também no «water-polo» e em natação tem dado mostras e pela lealdade e correcção que usa pôr em todos os seus actos.



Stadium na Capital do Norte

HANDBALL — As equipas d
F. C. Pôrto (1), Estrela Vigoros
(2) e Vilanovense (3), que dispu
tarão a "poule" final da taç
"Abertura". **HOCKEY EM
CAMPO** — O grupo do Boavista
(4) que marcha á frente do cam
peonato nortenho. **FUTEBOL** —
Os "teams" do Ramaldense (5)

do Sport Progresso (6), respectivamente campeões regionais da 2ª. e 3ª. divisões.

(Fotos Herman)



1



4



2



5



3



Uma carta à cerca do problema da F. P. E.

As competições marcadas para o corrente ano

A propósito do artigo que publicámos no nosso número de 5 do corrente, acerca da reunião de sócios e representantes das salas de armas convocada pela direcção da Federação Portuguesa de Egrima, recebemos do nosso querido amigo sr. Dr. Jorge Oom, actual campeão de Portugal às três armas, a carta que a seguir muito gostosamente transcrevemos:

Meu caro: Sendo v. um entusiasta da esgrima, à qual já tem prestado serviços que são merecidos do maior reconhecimento por parte de todos os que praticam este desporto, tomo a liberdade de lhe escrever esta carta, pido-lhe o seu interesse para o assunto nela focado.

Relaciona-se o que se segue com o artigo publicado na «Stadium» de 5 do corrente, o qual li com a maior atenção. Parece-me, porém, que é necessário dizer alguma coisa mais, ou melhor — «fazer» alguma coisa mais...

O ano de 1943 foi muito pobre em provas e, não faltando já nas que se esperavam e estavam anunciadas, nem sequer se completaram as da F. P. E., pois não se disputaram os torneios de sabre, que se organizavam facilmente e aos quais, de há muito, não concorrem atiradores do G. N. E.

Vamos já em meados de Janeiro e nada sabemos acerca de 1944! Segundo me dizem, encontra-se demissionária a direcção da F. P. E. — mas será certamente possível arranjar uma direcção «provisória», para não estarmos à espera da data, ainda indeterminada, da assembleia geral. Estou convencido de que as dificuldades porque passou a actual direcção serão removidas se, como muito bem diz a «Stadium», houver boa vontade de todos. Espero, pois, que o ano que começou será de prosperidade para a esgrima nacional.

Em qualquer hipótese, porém, «aparar é morrer» — e nós não devemos deixar morrer um desporto no qual temos tradições a defender e que é dos poucos em que podemos «marcar» internacionalmente.

É preciso não esquecer, ainda, que Portugal se encontra actualmente em esplêndida posição para, terminado o actual conflito mundial, obter lugar de relevo em qualquer competição, e que, como dizia há anos o nosso comum amigo capitão Campos de Andrade, numa palestra proferida ao microfone da Em-sora Nacional, «uma vitória desportiva internacional é hoje quasi tão importante como uma embaixada diplomática de outrora».

Para que se obtenham resultados satisfatórios devemos trabalhar desde já, não deixando passar este mês sem que estejam marcadas algumas das

provas da época que vai começar. Só assim se conseguirá as Salas preparem convenientemente os seus atiradores.

É necessário entusiasmar «novos e velhos» no nosso nobre e salutar desporto e também é de esperar que os «consagrados», com o seu saber e experiência, dêem o seu concurso aos futuros dirigentes da F. P. E., para que a equipa nacional a constituir se apresente, nos torneios a que concorrer, bem preparada, não desistindo daquelas que tão brilhantemente têm defendido, em terras estranhas, o bom nome da esgrima portuguesa. Cria-me, seu amigo, etc. — Jorge Oom.

O sr. Dr. Jorge Oom aborda um assunto merecedor do maior interesse e ao qual, como de resto a todos aqueles que dizem respeito à esgrima, desejamos prestar a melhor atenção.

Agradecendo as referências amáveis que nos faz e, bem assim, ao artigo que cita, da autoria do nosso prezado companheiro de trabalho Reinaldo Monteiro, devemos declarar que estamos de acordo com o nosso ilustre correspondente. Assim, é incontestável que urge remover todas as dificuldades com que a esgrima se debate presentemente e lançar mãos a aturado trabalho, para evitar que se perca o esforço de tantos anos — mercê do qual foi possível guindar este belo desporto ao plano de grande relevo que tem ainda nos meios internacionais.

Parte dos reparos que o distinto esgrimista levanta à direcção da F. P. E., ao referir-se às provas da época passada, são esclarecidos pelo actual presidente da Federação, sr. Mário de Noronha, através de afirmações feitas numa entrevista que concedeu à nossa revista — e cuja publicação a falta de espaço nos força a reservar para o próximo número.

Ainda pelo que se refere aos torneios da época em curso, no momento em que chegava às nossas mãos a carta do sr. Dr. Jorge Oom recebíamos também o calendário de provas que a F. P. E. acaba de elaborar — e que vem, portanto, responder a outra observação contida naquele documento.

As competições marcadas para 1944

Por nosso intermédio, a direcção da Federação Portuguesa de Egrima comunica às salas de armas e aos atiradores, que elaborou o seguinte programa de competições para este ano:

Florêta — Fevereiro: 3 a 5, torneio de terceiras categorias; 7 a 9, torneio de segundas categorias; 27 a 29, campeonato nacional.

Sabre — Março: 6 a 9, torneio de terceiras categorias; 23 a 26, torneio de segundas categorias; Abril: 11 a 15, campeonato nacional.

Espada — Maio: 8 a 12, torneio de terceiras categorias; 19 a 20, torneio de segundas categorias; 22 a 25, taça «António Bayard», por equipas de 4 atiradores, organização do Hockey Clube de Portugal; 29 a 31, taça «Jorge de Paiva», oferecida pelo Comité Olímpico Português em homenagem ao saudoso atirador. Junho: 5 a 9, taça «Câmara Municipal de Lisboa», oferecida pelo município da capital a disputar por equipas constituídas por 4 esgrimistas; 12 a 15, taça «Lima Júnior», organizada pelo Gimnásio Clube Português. Julho: 3 a 8, campeonato nacional.

Não estamos inteiramente de acordo com a maneira como foi confeccionado este calendário. Entendemos que as provas de florete deviam ser disputadas mais cedo, isto é, em Janeiro, e não compreendemos a razão porque os torneios de sabre são de tal modo espaçados, em confronto com as duas outras armas, tratando-se de mais a mais de uma modalidade que é praticada, por assim dizer, só nas escolas do Exército e Naval, na «Mocidade Portuguesa» e por meia dúzia de atiradores dispersos pelas outras salas.

Verificamos, com pesar, não existir, em qualquer das armas, referência a diversos torneios promovidos nos anos anteriores pelo Ateneu, Lisboa Gimnásio e Centro Nacional de Egrima, e tampouco à taça «Sport Clube do Porto». A menos que, devido à altura tardia em que as salas de armas começaram os seus trabalhos,

Entusiasmo — principal característica dos primeiros jogos do XVII campeonato de Lisboa

COMEÇOU finalmente o XVII campeonato de Lisboa Regularizando questões de ordem interna e concluídos os torneios particulares, os clubes apresentaram-se para disputar o título máximo da capital.

E foi assim que, no passado dia 18 e no campo da Boavista, seis desses clubes se defrontaram já, fornecendo à assistência exibições que a marcação tornou emocionantes.

Sporting, Belenenses e Atlético, defrontando, respectivamente, Rio Sêco, Benfica e Operário, foram os primeiros vencedores deste campeonato.

A completar a primeira jornada, outros jogos se disputaram sexta-feira passada, no mesmo campo, e nos quais Campo de Ourique, Lisgás e Maria Pia não conseguiram vencer Carnide, Alges e Unidos.

Se pouco há a dizer quanto à técnica desenvolvida pelos grupos em luta — ligeira excepção apenas para os campeões nacionais — alguma coisa aproveitou esta jornada no que respeita a entusiasmo e emoção.

De maneira geral, todos os grupos cumpriram, mesmo o Operário e o Maria Pia, em manifestar inferioridade para com os seus adversários, soberbar, por vezes, fugir à pressão que lhes era imposta, do que pouco aproveitaram, aliás.

Sporting-Rio Sêco disputaram um encontro em que o resultado esteve sempre incerto e em que a vitória dos «leões», traduzida apenas pela diferença de um ponto, se verificou no minuto final.

Domínio acentuado do Rio Sêco e vontade firme do Sporting em ganhar, eis no que se pode sintetizar este encontro, no qual a saída de Francisco Silva, sem substituição, decidiu a vitória para os «leões».

Jogo de idênticas características foi o disputado entre o Belenenses e o Benfica, em que se verificou de início domínio acentuado deste último, para na segunda parte os «cazuis» firmarem ascendente, que lhes deu o triunfo. Jogo prático, em que os vencedores soberbar aproveitaram a tática de descanso na defesa que os «encarnados» empregaram, den no entanto desenvolver inferior ao de que é capaz qualquer das equipas em luta.

O último jogo do campeonato de honra se deu a frente os campeões de Lisboa da divisão de honra e da 1.ª divisão. Como não é de estranhar, o Operário acusou a estrea, e se não fosse a forma irregular como o Atlético actuou, o resultado do jogo, 8-31, poderia ter sido um pouco mais volumoso. A reacção do Operário, no início da segunda parte, que se traduziu pela marcação de 21 pontos contra 13 dos campeões, foi a nota saliente do desfecho.

O encontro Carnide-Campo de Ourique deu ensejo aos campeões nacionais para uma exibição meritória, a mais completa, talvez, de todos os grupos em luta.

O afincamento com que se empregaram os jogadores do C. A. C. O. não bastou para anular a técnica desenvolvida pelo Carnide; por outro lado, as demoras resultantes das passagens de bola influíram também na infelicidade que determinados lances tiveram, pois permitiram aos campeões melhor colocação e tempo de sobejo para interceptarem o jogo do adversário.

Boa exibição dos rapazes do Alges, que mais ligeiros, e em passes largos, se acercavam rapidamente do cesto, ao contrário do Lisgás, que desenvolveu continuamente jogo curto e rápido; esta diversidade de tática, dando emoção à luta, permitiu que tivesse sido este encontro o de maior interesse e entusiasmo.

O último desafio efectuado nesta primeira ronda do campeonato foi o Unidos-Maria Pia, em que o vencedor teve domínio contínuo, traduzido em número apreciável de pontos; a leve reacção do Maria-Pia, no início da segunda parte, não lhe permitiu diminuir a derrota, pois os seus avançados, não sabendo desmarcar-se convenientemente, pouco proveito tiraram dos lances efectuados.

Resumindo: os primeiros jogos do XVII campeonato de Lisboa da divisão de honra permitiram encontros em que o entusiasmo, mais do que a técnica, forneceu o principal atributo.

Alges, Belenenses e Sporting foram bons vencedores, como bons vencedores foram os seus adversários; a vitória quer de uns ou de outros, é natural, pela igualdade de valores dos seus «teams», e, ainda mais, pela vontade de vencer posta em jogo.

O Atlético, se bem que vencedor por boa margem de pontos, não correspondeu às suas possibilidades de acção; semelhante comentário se pode por ao Unidos, embora sua exibição tenha sido mais regular.

Operário e Maria Pia foram bons vencedores, sem aceitar a derrota com azeitões dignos de nota...

Quanto ao Carnide e ao Campo de Ourique, já estão feitas as observações que podiam caber sobre as suas exibições.

JOÃO ASSUNÇÃO

Cristóvão Aires

(Conclusão da pág. 7)

homem tivera receio de quebrar a pacatez do hotel com alguns rapazes do desporto...

Ficaram todos desanimados. Resolveram, entretanto, dar um passeio por Miramar e pela Granja, para desentorpecer as pernas... Na Granja, encontraram Cristóvão Aires, que estava ali em férias.

O militar ilustre e cronista brilhante não hesitou em falar a Alfredo Trindade, que conhecia apenas de vista. «Que fazem vocês por aqui? — perguntou ao corredor. E não tardou o esclarecimento do que se passara no hotel de Miramar. Mas isso não pode ser! — exclamou, acrescentando: vamos lá, a ver o que se arranja.

Passados minutos, estava tudo resolvido. O dono do hotel, a pedido de Cristóvão Aires, recebe a equipa.

A circunstância de se tratar de gente de desporto e de ver prejudicado o desejo de repousar alguns dias perto da Granja, bastou para intervir espontaneamente. E de tal modo serviu de garantia junto do dono do hotel que a estadia em Miramar foi uma das melhores recordações da viagem ao Porto.

MÁRIO DE OLIVEIRA

Uma jornada de resultados inesperados

O «handball» lisboeta vai no bom caminho. A tradição clássica das superioridades perde consistência ante o assalto das novas formações e o amador da modalidade vai hoje para o campo, assistir aos encontros do campeonato, sempre na incerteza do resultado final.

A jornada de domingo passado foi de extraordinário interesse para a «equilíbrio» da prova e deu nos seus belos exhibições emotivas e animos-s. entre Benfica e Sporting e Belenenses e Estoril Praia.

A luta dos velhos rivais não desmentiu a regra; ambas as equipas se empregaram a fundo, desenvolvendo jogadas rápidas e bem arquitectadas, alguma das quais apenas foram interrompidas pela desnecessária entrada violenta de alguns jogadores que se excederam, nomeadamente o médio-centro dos «encarnados». O empate final aceita-se como justo, e o período final quando os sportingistas se empregaram a fundo para recuperar o ponto de desvantagem — e o formidável remate de Montalvão coroou os seus esforços — valeu pelos melhores momentos a que temos assistido em pugnas da modalidade.

Nas Salésias o embate foi indeciso, mas os «belenenses» não mereciam sair derrotados; se a solução houvesse sido também de empate, ninguém se poderia queixar e os fins corresponderiam melhor à verdade dos factos. Mas o desporto apresenta com frequência destas aparentes anormalidades, que se compensam, ao fim e ao cabo, porque tocam cada vez ao seu.

Faltava menos de um minuto para terminar o encontro quando o extremo-esquerdo do Estoril conseguiu o ponto da vitória, com um remate caprichoso e invulgarmente feliz, que levou a bola a fazer ricochete na base dos dois postes, antes de se decidir a entrar na rede...

«Os Treze», com a equipa recomposta, venceu com facilidade o Internacional, que aliñou sem alguns dos seus titulares, e o Unid-s derrotou o Marvilense com relativo embaraço, numa primeira parte de nitida vantagem e marcação igual depois do intervalo.

As honras da jornada cabem portanto ao Estoril Praia e ao Benfica, equipas novas e em franco progresso, que vão ambas desempenhar papel importante na marcha do torneio: o primeiro conta como melhor arma a acção de um jogador de classe excepcional, Domingos Vicente, o homem cujo braço causou no domingo a derrota do Belenenses; mas o segundo dispõe de uma equipa completa, com toada de jogo já definida, e por isso nos merece maior confiança quanto a regularidade de comportamento futuro.

A questão dos arbitragens continua em plano de actualidade, porque se registam procedimentos que não satisfazem e lamentáveis faltas de autoridade.

Assistimos em Belém ao trabalho perfeito do sr. Ferst, que se compenetrou finalmente do verdadeiro sentido da sua missão e se resgatou de passados descuidos; autoridade, inteligente visão dos acontecimentos, prontidão no sinal para execução dos castigos e cuidado em não assinalar as faltas sem verificar primeiro se o benefício não seria para o infractor.

Em contrapartida, presenciávamos, pela manhã, no Campo Grande, o quadro inverso. A pessoa que dirigiu o encontro de segundas categorias teve desempenho desastroso e consentiu atitudes desrespeitosas por parte de alguns jogadores, as quais lhe retiravam toda a autoridade para dominar os acontecimentos.

Também — e apesar de todos os esforços dispendidos pela Comissão de Arbitros — continuam os juizes a não prestar atenção a algumas disposições regulamentares importantes, como por exemplo a distância a que devem colocar-se os atacantes da linha da área do guarda-redes, quando é marcado a seu favor um livre dentro da área de grande penalidade.

Digno de reparo ainda o procedimento atribuído aos juizes de linha; pertence-lhes acertadamente a sinalização das deslocações, mas não deve permitir-se que se intrometam no julgamento das faltas técnicas, como se permitem fazer alguns desses auxiliares.

REVISTA DA SEMANA

Há semanas férteis em notícias — mas também há outras verdadeiramente magras... Percorrem-se os centros de cavaco — e nada. Nem o «quartel general» dos plumíferos, por mais esforços que faça, consegue arrecadar aquela preciosa linha que, correctiva e aumentada, encerra muitas vezes um rico assunto...

Semanas assim, mais valia não existirem — segundo a filosofia do nosso amigo Caetano...

— Dizia-nos há dias, à porta do «Excelsior», um conhecido jogador de futebol, que treina certo grupo da 2.ª divisão nacional: «Há clubes que, como os homens, parecem sofrer perpetua má sina... Por mais voltas que deem aos seus grupos principais, nada obtêm de concreto — quando não arranjam composições que provocam rictus de piedosa ironia, tanta a falta de tino, para usar termo moderado...»

Ar interrogativo da nossa parte. E proseguiu: «Calcule que ontem (isto passava-se numa segunda-feira) houve uma equipa que apresentou um defesa a jogar a extremo só para prender determinado elemento que, vindo do outro lado do Atlântico, não havia ainda dado provas da sua competência e conhecimentos. E tratava-se de jogo de importância, do qual podia depender a sorte da referida equipa na sua série. Desfontava um adversário bem equilibrado em pontos... Não se passa disto... Queve mais desorientação?...»

Calámos. Não vimos, não estivemos lá...

— A assistência dos «docedores» salgueiristas sofreu tratos do polé no jogo que pôs frente a frente o seu grupo contra os vimaranenses. Houve vários elementos do ataque «encarnado» que tiveram a sorte do jogo nos pés... e não a aproveitaram porque não jogaram com a cabeça... Um deles, então, chegou a irritar os mais impetuosos. O rapas estranhava, em nossa opinião, o novo lugar em que se exhibia. As suas passagens eram defeituosas, mal medidas, feitas por vezes para os próprios adversários — e de frente das redes dava «gostos» ver como rematava para fora ou para as mãos do guarda-redes. A certa altura do encontro, quando o desastre foi mais espectacular, surgiu este comentário, da autoria de um «admirador» do grupo local: «Maroto! Quem te arrancasse a «listra» e te desse com o «resto» nas pernas!...»

Risota geral...

— Disciplinadamente falando, o «hockey» em campo vai mal... O caminho que se trilha é dos piores, podendo acarretar péssimo futuro à modalidade. Ainda há dias, no «Excelsior», ouvimos um comentário que nos deixou perplexos. Falava-se de jogadores e alguém salientou a figura de certo elemento, afirmando: «Com este, é assim... As duas por três, uma «stickada» no joelho — e mais um para o «estaleiro», com reforma permanente...»

Mesmo por graça, não pode admitir-se. Oxalá que a solução venha depressa, de quem de direito.

Notas... sem valor

A cidade de Aveiro, representada pelo melhor da sua actividade desportiva e social, rendeu justo preito de homenagem a Mário Duarte, pai. Fomos lá, como simples visitantes, no cumprimento de grata missão, imposta pela consciência, e sentimos com isso grande satisfação mor l. Foi-nos muito grato ouvir os drs. António Cristo e Salazar Carreira definir com eloquência a personalidade de Mário Duarte — que era dos mais entusiásticos pioneiros do desporto em Portugal e a quem se ficou devendo a introdução em Aveiro dos primeiros elementos da educação física, com a criação de um curso de ginástica para os estudantes.

A PROPÓSITO...

As taças «Dr. António Mascarenhas Júnior» e «Augusto Ferreira»

vão ser disputadas por dezasseis clubes

PARA evitar a inactividade forçada das categorias inferiores dos clubes da 1.ª e 2.ª divisões, e das categorias de honra da 3.ª, a Associação de Futebol do Pôrto resolveu instituir duas taças, às quais deu os nomes do dr. António da Costa Mascarenhas Júnior e de Augusto Ferreira (Simplicio), em homenagem a dois vultos do desporto tripeiro, que nele disfrutaram de justificado presépio.

Fizeram a sua inscrição dezasseis clubes. É supérfluo dizer quais, por serem já sobejamente conhecidos através da imprensa diária. Mas convém sublinhar que, percorrendo-se a lista das inscrições, segundo o comunicado da A. F. P., se verifica a falta do Académico, pelo que respeita à 1.ª divisão, e do F. C. Gaia, Avintes, Cruz, Infesta, Rio Ave, Vilanovense e Paredes, quanto aos da 2.ª.

No que toca ao Vilanovense, sabemos que está preocupado com a preparação dos seus juniores, cujo campeonato deve ter começado já, sendo, por isso, de aceitar a sua falta. Mas outro tanto não se compreende em relação ao Académico.

Convém esclarecer que escrevemos em face do comunicado da Associação, não sabendo, assim, se o Académico acabará ou não por tomar parte no torneio.

Se tal não suceder, lamentamo-lo, não somente pela faceta desportiva que a prova possa encerrar, mas em especial por se tratar de uma homenagem prestada a quem fez pelo futebol portuense muito de produtivo e honroso.

Aceitamos que alguns dos clubes não possam agora constituir as suas representações, mas pomos em dúvida que tal facto se passe com o Académico — sem desejarmos, com este comentário, ferir quaisquer susceptibilidades.

Desejamos salientar que só nos interessa sublinhar a vontade dos orientadores da Associação regional, que se esforçaram por movimentar as equipas que se encontravam em situação de forçada inactividade, proporcionando-lhes salutar movimentação até ao período de defeso.

Isto, sim, importa vincar. O resto subordinar-se às possibilidades de vida dos clubes — ou fica ao sabor da consciência de quem os dirige.

— Está resolvida a situação do Clube Fluvial Portuense com a organização de novo elenco directivo, confeccionado pelo presidente da assembleia geral, Cabral Matos — um «fluvialista» dos mais antigos e dedicados. À frente do «velho» grémio náutico ficou Alípio Dias, em que se depositam fundadas esperanças.

— Na Associação Portuense de Hockey entrou o primeiro protesto: do Leixões, sobre o seu encontro com o Boavista. Causa: irregularidade no 1.º «goal» do Boavista. O «grito» do conselho técnico da A. P. H., composto por dois «veteranos» — Laurindo Grijó e Américo Pacheco — e por José Cabral Matos, vai resolver o pleito...

— O campo de «basketball» do F. C. do Pôrto, na avenida dos Aliados, está em obras. Serão feitas duas bancadas, uma das quais com cobertura, construídos balneários, reparado o piso e arranjados os lugares de peão. A resolução tem merecido francos aplausos.

— Cresce sempre, de forma muito prometedora, o interesse da mocidade pelo «volleyball». Vai disputar-se um torneio inter-clubes, como preparação para o campeonato regional.

— O Salgueiros continua em regime de experiências... A apresentação de Paulista a interior esquerdo, diz-se, teve por fim dar satisfação às indicações de «alguem». Obteve-se algum resultado? Segundo as crónicas dos entendidos, a mudança não foi lucrativa...

TRÊS FASES DO JÓGO DO PÔRTO

Stadium



Um voo de Fernando, força para criar uma passagem decisiva de Lobo e Araújo



O ataque portuense em acção



A defesa do Atlético alivia o seu campo com segurança

NO PÔRTO

Aspectos da posse da nova direcção do F. C. do Pôrto (1) e da distribuição dos prémios aos vencedores dos torneios do Grupo Desportivo dos Armazenistas de Mercaderia

